

ARTE

Fortaleza • CE 2ª ed. outubro/2017 • trimestral

ANTONIO BANDEIRA

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS



Saia do quadro! Visite o Espaço Cultural Unifor



Considerado Patrimônio Turístico de Fortaleza em 2016, o Espaço Cultural Unifor foi consagrado como rota obrigatória no circuito artístico nacional em pleno litoral nordestino. Por aqui já passaram obras de artistas internacionais como Rembrandt, Rubens e Miró, artistas brasileiros como Beatriz Milhazes, Antonio Bandeira e Candido Portinari, além de novos talentos da arte cearense e nordestina.

Entrada gratuita
Ampla estacionamento

Terça a sexta: 9h às 19h
Sábado e domingo: 10h às 18h

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
Campus da Universidade de
Fortaleza
Informações: 85 3477.3319
www.unifor.br





**VANDO
FIGUEIREDO**
ARTISTA PLÁSTICO

SOBRE A ARTE DE ROLAR PEDRAS

Estamos na 2ª edição da Revista Arte. Trata-se de esforço comparado ao de Sísifo, condenado ao eterno movimento de empurrar a pedra até o cume do monte e depois vê-la rolar de volta, ao término de cada dia. Esse conto mitológico serve também de alegoria para o esforço conjunto de editar este veículo, cuja proposta é difundir e formar apreciadores da arte e da cultura, que parte do local e sobrevoa o universal. Ser artista também é ser Sísifo. Levar a pedra ao topo da montanha sabendo que, com os olhos e as mãos certas, a arte pode ser e estar em qualquer lugar. Pois, embora a expressão seja multifacetada, a arte é apenas uma: é vida transformando e transbordando. Temos o privilégio de homenagear, nesta edição, o mestre Antonio Bandeira. Por meio de suas cores, curvas, dobras, fissuras, entrecortes e traços nos inspira através do tempo. Agradecemos a todos que nos ajudaram, ora com o apoio cultural, ora com a presença de seus trabalhos. Todos nos conferem a certeza de que o esforço contínuo de rolar pedras pela arte não é feito por um só.



Capa: Cidade Queimada de Sol,
de Antonio Bandeira (1959)
óleo sobre tela / 120 x 120 cm



Disponível também
em versão online



issuu.com/revistaarte

Publicação autorizada pelo Instituto Antonio Bandeira

Revista Arte é uma publicação trimestral da Editora Bookmaker
com curadoria de Vando Figueiredo / Fale com a redação: 85 3261.5066

ISSN 2525387-5

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR
Júnior Gomes

CURADORIA
Vando Figueiredo

CONSULTORIA DE ARTE
Ignês Fiúza

EXECUTIVA COMERCIAL
Lília Quinderé

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS
Mirtila Facó - MTb 2803/CE
Fátima Porto - MTb 1690/PE

DIRETOR DE ARTE
Cláudio Queiroz

EDIÇÃO DE IMAGENS
Carlos Rios

FOTO CAPA
Eduardo Gomes

REVISÃO
Fátima Porto

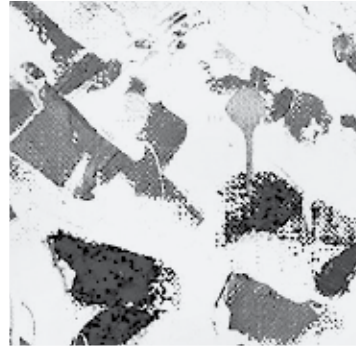
IMPRESSÃO
Tecnograf

EDITORIAL DE ENCERRAMENTO Márcio Crisóstomo

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCALA
PINTURA

FFR

#6
CENTENÁRIO
CHICO
ALBUQUERQUE
CEARENSE É CITAÇÃO
FUNDAMENTAL NA
FOTOGRAFIA BRASILEIRA



#33
ARTISTAS EM
EXPOSIÇÃO
MANO ALENCAR,
TOTONHO
LAPROVITERA E
VANDO FIGUEIREDO



#22
HOMENAGEM:
FRANCISCO
ZANAZANAN
SENSIBILIDADE RARA
FEITA DE TRAÇOS
INCONFUNDÍVEIS



#12
ASCAL
SINÔNIMO DE
SINGULARIDADE
E BOM GOSTO



#38
CLÁUDIO QUINDERÉ.
SENSIBILIDADE
EM DETALHES
ARTISTA CRIA JOIAS
COM MATERIAIS
INUSITADOS



#27
ANTONIO
BANDEIRA
50 ANOS SEM O
MESTRE DAS CORES



#17
TANIA
VASCONCELOS
MAPEAMENTO DA
MEMÓRIA ARTÍSTICA
E CULTURAL DE
FORTALEZA



#43
CERAMISTAS
EM PAUTA
ANNELISE,
BOSCO LISBOA E
EMÍLIA PORTO

#48

**CASA BARÃO
DE CAMOCIM**

EXPRESSIVA OBRA
ARQUITETÔNICA
GANHA FUNÇÃO
SOCIAL



#69

**ARQUITETURA
DE MUSEU**

MARCUS NOVAIS E O
PROJETO MUSEU DA
FOTOGRAFIA



#60

CÉLIO GURGEL

ARTISTA CONSTRÓI
ESCULTURAS
ARROJADAS
COM AÇO E TINTA
AUTOMOTIVA



#53

JAPAN HOUSE

CULTURA JAPONESA
É DESTAQUE EM
SÃO PAULO



#72

**MAX
PERLINGEIRO**

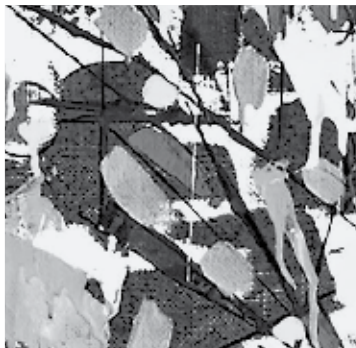
MIQUEL BARCELÓ



#64

**A ARTE DE ANA
CRISTINA MENDES**

NA FRONTEIRA
DE DIFERENTES
LINGUAGENS VISUAIS



#74

**MÁRCIO
CRISÓSTOMO**

EDITORIAL



#56

**MERCADO
DAS ARTES**

ROBERTO
GALVÃO



CHICO ALBUQUERQUE

CHICO ALBUQUERQUE

UM PASSEIO PELAS MAIS DIVERSAS
VERTENTES FOTOGRÁFICAS

O riginalidade e pioneirismo sempre foram as marcas primordiais de todo o trabalho desenvolvido por Francisco Afonso de Albuquerque, o Chico Albuquerque, e para os que tiveram a sorte de conhecê-lo mais intimamente, Seu Chico. Nascido em Fortaleza, em 25 de abril de 1917, começou sua carreira no cinema, como auxiliar do pai, o bancário Ademar Bezerra de Albuquerque, cinegrafista amador. A descoberta da fotografia ocorreu de forma bastante natural. A partir de 1934, no estúdio da Aba Film (empresa fundada pelo pai), começou a produzir retratos. Durante uma temporada no Rio de Janeiro, se aproxima dos fotógrafos alemães Stefan Rosenbauer e Erwin von Dessauer, com quem desenvolve uma estreita amizade e aprende importantes técnicas - principalmente de iluminação - por conta de um estágio realizado no estúdio dos profissionais.



Com o passar dos anos, descobriu que a fotografia era, de fato, sua grande paixão. Em 1942, teve a oportunidade de trabalhar como fotógrafo de cena durante as filmagens de *It's All True* (É Tudo Verdade), do cineasta Orson Welles. A película fazia parte do plano de ações da "política de boa vizinhança", estruturada e direcionada pelo governo norte-americano de Franklin Delano Roosevelt para os países latino-americanos no período da 2ª Guerra Mundial. Cabe aqui um parêntese importante, já que norteou toda a carreira de Chico Albuquerque. Segundo afirmou em diversas entrevistas, foi a partir deste ofício que Chico percebeu que, para trabalhar com fotografia, era essencial desenvolver uma noção estética, com uma rigorosa composição. No ano de 1947, decidiu que era hora de se mudar para São Paulo e montar um estúdio. Os anos de intenso trabalho na capital cearense o prepararam para o concorrido mercado paulistano.

CHICO PERCEBEU QUE, PARA TRABALHAR COM FOTOGRAFIA, ERA ESSENCIAL DESENVOLVER UMA NOÇÃO ESTÉTICA, COM UMA RIGOROSA COMPOSIÇÃO DE QUADROS



O LENDÁRIO CINEASTA ORSON WELLES E CHICO ALBUQUERQUE

No mesmo ano, conhecido entre os profissionais da área e já membro do Foto Cine Clube Bandeirante, foi convidado a realizar uma exposição na badalada Livraria Jaraguá, no centro da cidade. Foi também na capital que desempenhou papel de liderança no movimento fotoclubista paulistano, juntamente com figuras antológicas como Thomaz Farkas, Geraldo de Barros, Eduardo Salvatore e German Lorca. Chico Albuquerque também ficou conhecido por ter participado da primeira campanha publicitária brasileira ilustrada com fotografia (assinada pela agência J. W. Thompson, para a Johnson & Johnson). Os anos de atividade no estúdio de seu pai lhe renderam fama como um exímio retratista. Prova disso é que ficou popular entre os membros da alta sociedade paulistana, artistas e celebridades por realizar retratos



CHICO ALBUQUERQUE
DE SORRISO
LARGO E
TALENTO
INIGUALÁVEL



**MUCURIPE E
JERICOACOARA
FORAM
CENÁRIOS
ESCOLHIDOS
PELO
TALENTOSO
ARTISTA**

**CHICO ALBUQUERQUE
ERA ENCANTADO
PELOS TEMAS
CEARENSES. PROVA
DISSO FORAM OS
ENSAIOS REALIZADOS
NA PRAIA DO
MUCURIPE**

quase sempre em estúdio e sem nenhum adereço de cena. Nomes como Luiz Gonzaga, Odete Lara, Ulisses Guimarães, Jânio Quadros, Roberto Burle Marx e Regina Duarte foram alguns dos que tiveram a honra de ter sua imagem captada pelas lentes do cearense. Além de retratista e fotógrafo publicitário, Chico Albuquerque era encantado pelos temas regionais. Prova disso foram os ensaios realizados na Praia do Mucuripe, onde teve a oportunidade de fotografar em dois momentos distintos. A primeira vez foi em 1952, durante uma viagem de férias a Fortaleza. Com este trabalho, participou, no mesmo ano, da mostra individual intitulada "Jangadas", no Museu de Arte de São Paulo. O segundo ensaio aconteceu



tempos depois, em 1986. E foi a partir da junção de fotos desses dois trabalhos que lançou o livro "Mucuripe", publicado em 1989, com tiragem de mil exemplares, composto por 63 fotografias em preto e branco. Em 1984, Jericoacoara ainda era uma vila de pescadores totalmente isolada no litoral cearense - bem diferente da badalação que encontramos atualmente. E foi lá que o fotógrafo decidiu realizar um primoroso ensaio. Belas paisagens, atividades pesqueiras e registros dos habitantes foram os temas. Com uma abordagem mais frontal, um pouco diferente do que havia sido feito no Mucuripe (com visão basicamente humanista), ele consegue uma grande proximidade com o fotojornalismo e a fotografia documental.



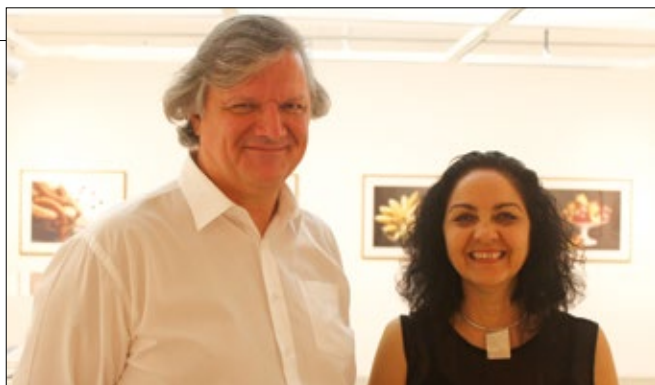
ARQUITETURA E NATUREZA-MORTA

Admirador de formas e linhas, Chico Albuquerque era muito ciente da estreita relação entre fotografia e arquitetura. Prova disso é que realiza diversos trabalhos com foco na documentação de arquitetura moderna, registrando interiores de comércios e residências e fotografando, ainda, obras de importantes arquitetos do período, a citar: Edifício Esplanada, projetado por Lucjan Korngold e os pavilhões do Parque do Ibirapuera para o IV Centenário da Cidade, por Oscar Niemeyer, ambos em São Paulo. Outra vertente do fotógrafo que merece destaque era seu talento para fotografar natureza-morta. Com noções perfeitas de iluminação, utilizando recursos refinados, Chico Albuquerque realizou em estúdio, em 1978, um ensaio somente com frutas brasileiras. Com a série "Frutas", sintetiza com maestria toda a experiência que teve anteriormente trabalhando em estúdio, mas que, por conta da liberdade de criação, ganha novos ares e contornos. Mesmo com uma certa idade, Chico Albuquerque nunca parou de trabalhar. No ano de 2000 (coincidentemente seu último ano de vida), aos 83 anos, assinou toda a campanha publicitária da Del Rio.



EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA

Com curadoria de Patrícia Veloso, da Terra da Luz Editorial, e de Sergio Burgi, coordenador de fotografia do Instituto Moreira Salles, para comemorar o centenário de nascimento de Chico Albuquerque, o Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura recebeu a exposição "O fotógrafo Chico Albuquerque, 100 anos". Uma parte do material foi garimpada de um acervo de mais de 75 mil imagens, produzidas entre 1947 e 1975, em São Paulo, preservado na reserva técnica do Instituto Moreira Salles. Outros trabalhos de Chico Albuquerque fazem parte do acervo mantido em Fortaleza, sob responsabilidade de Patrícia Veloso.



SERGIO BURGI E PATRÍCIA VELOSO

CHICO ALBUQUERQUE NUNCA PAROU DE TRABALHAR. AOS 83 ANOS, ASSINOU UMA DAS PREMIADAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA DEL RIO



Experiência e sensibilidade

Reproduções fotográficas de obras de arte para catálogos, exposições, registros, documentação e expertise.



O artista produz sua obra com a liberdade e a criatividade que a tornam única. Na reprodução fotográfica de obras de arte é necessário "imitar" a gama de cores de maneira a chegar as paletas originais, para guardar a sua unicidade.

Este é o grande desafio técnico do fotógrafo. Além de equipamentos de alta performance é necessário a experiência e sensibilidade para recorrer as técnicas de iluminação, filtragem de luz e calibragem de cores.



ASCAL NA CONTRAMÃO DE RÓTULOS

Nascido em Fortaleza, no dia 20 de junho de 1943, Átila da Silva Calvet nunca imaginou a importância que teria para a arte brasileira e internacional. Ascal, nome pelo qual ficou conhecido, conta que a convivência com a arte começou bem cedo, por intermédio do pai. “Ele era um grande artista, desenhava muito bem. Além disso, era músico e lia bastante”, conta. Além do pai, o então garoto tinha à sua disposição, em casa, uma pequena biblioteca, repleta de livros relacionados à arte. Outro fator que muito o influenciou na infância foram as experiências vividas na fazenda de seu avô, no município cearense de Senador Pompeu. Foi lá que, com o auxílio de um pequeno canivete (recebido de presente), o garoto juntou alguns pedaços de madeira e criou suas primeiras esculturas. Muito esperto e talentoso, com o avô aprendia “de olho” a talhar colheres de pau e tamancos de madeira. Na escola, utilizando o tradicional giz branco, esculpia diversas figuras esguias.



ACRÍLICA
SOBRE TELA
100 x 100

Com o passar do tempo e a entrada na fase adulta, Ascal começou a estudar na Universidade Federal do Ceará (UFC), cursando Bioquímica. Ao concluir a graduação, passou a dar plantões em hospitais da cidade, foi professor universitário e montou um laboratório de análises clínicas. Nesse meio-tempo, porém, nunca deixou a arte de lado. Por um acaso do destino, foi na Universidade Federal do Ceará (UFC) que, realizando uma exposição individual em 1964, seu potencial artístico passou a ser conhecido do público. Foi também durante a juventude que começou a frequentar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap), onde teve seus primeiros contatos com o desenho e a pintura. “Lá eu

tive a oportunidade de desenvolver minha arte, com os ensinamentos de nomes consagrados como Barrica, Zenon Barreto, J. Figueiredo e Garcia”, relembra. Apesar de todos os ensinamentos lá adquiridos, Ascal desenvolveu muito de seu talento de forma independente, fazendo pesquisas e conversando com pessoas do meio. Por essa razão, nunca deixou de ser reconhecido como um artista autodidata. “A razão e a mão foram dadas por Deus, eu sou um operário da arte”, diz. Sem ligação com uma escola artística específica, a obra de Ascal, além de absolutamente atemporal, criativa e inusitada, é fortemente baseada nas impressões do próprio artista.

**ASCAL, NOME
PELO QUAL FICOU
CONHECIDO, CONTA
QUE A CONVIVÊNCIA
COM A ARTE COMEÇOU
BEM CEDO, POR
INTERMÉDIO DO PAI.**

ÓLEO SOBRE TELA 23 x 43 / AOS 10 ANOS DE IDADE / CASA DO AVÔ (1953)





ASCAL: CURRÍCULO
É ALGO QUE NÃO
ME PROCUA

De início, trabalhava apenas com escultura. Com o tempo, no entanto, por suas habilidades com o desenho, logo passou, também, a pintar. Sua pintura é influenciada, fortemente, por suas experiências pessoais. Através de texturas e cromatismos, sempre muito detalhados, desenvolve trabalhos que são bem peculiares. Suas esculturas, em grande parte confeccionadas em bronze, aço, pedras, cerâmica, fibra de vidro, poliuretano, madeira e resina, são apresentadas de forma geometrizada. França, Alemanha, Japão, Estados Unidos, Portugal e Espanha são apenas alguns dos países onde o brilhantismo da arte de Ascal é fortemente reconhecido.

Constantemente é convidado para elaborar estátuas e troféus. Ou seja, aos 70 anos, sendo mais de 50 deles dedicados à arte, Ascal não para de produzir. Segundo ele, todo dia é dia de criar. Apesar de tudo isso, revela que o currículo é algo que não o preocupa. Ao contrário do que faziam nomes como Picasso, Rembrandt e Modigliani, conhecidos por manterem rascunhos de suas criações, o cearense revela não possuir esse tipo de costume. De acordo com ele, o mais importante é deixar o sentimento vivo nas peças que são finalizadas, afinal, são elas que devem permanecer vivas na memória e no coração de todos.



AÇO PINTADO 33 x 55 x 55

**COM O TEMPO, NO
ENTANTO, POR SUAS
HABILIDADES COM O
DESENHO, LOGO
PASSOU, TAMBÉM,
A PINTAR**



**ACRÍLICA
SOBRE TELA**
150 x 150

Apesar de já haver participado de inúmeras exposições, nada, até hoje, foi catalogado. A razão para isso, diz ele, é a de que o passado não tem muito interesse. "Não vivo no passado, mas também não tenho planos para o futuro", assevera. Atualmente vem desenvolvendo uma série de esculturas em aço com temática abstrata. As peças variam em uma extensão de seis metros e pesam cerca de uma tonelada, cada. O pai de Sâmia e Samuel e esposo de Waldelice Calvet é muito atencioso com todos. Para se ter uma ideia, é comum que arquitetos, na época em que a Casa Cor Ceará acontece, solicitem suas peças para decorar os ambientes. Ascal é desses artistas livres de qualquer rótulo. Reconhecido e admirado, não se deixa envaidecer e nos possibilita, a cada conversa, novas formas de enxergar a vida. "Se sou conhecido aqui e fora daqui, não quer dizer que sou um bom artista, e, sim, quer dizer que ando muito por aí fora, graças a Deus", afirma com modéstia.



ACRÍLICA SOBRE TELA 100 x 50



SGPROPAG



FEIRA DE ARTES E ANTIGUIDADES



Siga o Del Paseo



PISO L3
TODO SÁBADO, DAS 10 ÀS 22H
2º DOMINGO DE CADA
MÊS, DE 11 ÀS 22H



TRANSFORMANDO A PAISAGEM DE FORTALEZA

A ARTE NO ESPAÇO URBANO: REFERÊNCIA
HISTÓRICA, CULTURAL E VISUAL

Tania de Freitas Vasconcelos / arquiteta e urbanista

A partir do momento em que o homem começou a se comunicar, a arte se fez presente entre nós. As mensagens transmitidas a partir das impressões rupestres firmam o início deste marco no cotidiano da humanidade, que proliferou por meio de inúmeras formas de expressão, transmitindo sentimentos, costumes, cultura e história entre os povos. Todas as nossas expressões da atualidade também registram história e cultura ao longo do tempo, gerando a riqueza cultural para a posteridade. E diante das explosões culturais que vêm elevando o cotidiano da nossa luminosa cidade de Fortaleza, é necessário que se realize um questionamento relativo ao apreço e amor, ou talvez simplesmente respeito, às obras de arte que contextualizam nossos espaços públicos ou privados. Desde quando iniciei minhas primeiras pesquisas sobre o tema, ainda nos anos 90, venho acompanhando de perto a evolução



FOTO: NELY DE CARVALHO

“CAIS”, DE ZENON BARRETO MURAL EM PASTILHAS DE PORCELANA (1962) / INSTALADO INICIALMENTE NO ED. LAERTE FERNANDES, ANTIGA SEDE DO CENTRO DOS EXPORTADORES, HOJE ANEXO DA SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DO CEARÁ, NA AV. ALBERTO NEPOMUCENO, 77

FOTO: NELSON BEZERRA



"ABSTRAÇÃO", DE HELOYSA JUAÇABA ESCULTURA EM AÇO PINTADO (1997), ESTA OBRA INTEGRAVA O PARQUE DAS ESCULTURAS, NA RUA 25 DE MARÇO

FOTO: NELSON BEZERRA



"IRACEMA GUARDIÃ", DE ZENON BARRETO ESCULTURA EM FIBRA DE VIDRO (1996) / INSTALADA NO CALÇADÃO DA PRAIA DE IRACEMA

MUITAS OBRAS, MUITOS ARTISTAS E MUITA HISTÓRIA VÊM SENDO REGISTRADOS AO LONGO DE ANOS NO TECIDO URBANO POR MEIO DA ARTE QUE GERA MUDANÇAS NA PAISAGEM

do acervo artístico desta cidade, que proporciona aos transeuntes, no ir e vir do dia a dia, o convívio próximo com a arte, seja em praças, parques, à beira-mar ou mesmo com aquelas expressões integrantes de edifícios públicos ou privados. Partindo de obras de artistas pioneiros como Zenon Barreto, que, ainda na década de 60, inseriu seus murais em pastilha de porcelana, seguido pelas instalações de obras esculturais e monumentais realizadas pelo artista Sérvulo Esmeraldo, Fortaleza deu início ao acervo que contemplamos até nossos dias. Muitas obras, muitos artistas e muita história vêm sendo registrados ao longo de anos no tecido urbano por meio da arte que gera mudanças na paisagem, nas imagens mentais que arquivamos e na identidade do espaço urbano como um todo, transformando a forma de se perceber a paisagem, modificando o espaço no qual está integrada. Por todos os continentes, as cidades assumem o papel de museu a céu aberto, cenário propício às manifestações culturais, sociais e artísticas, expondo suas almas, suas histórias e sua essência. Dessa forma, tantas cidades, como Paris, Londres, Berlim, Viena, Praga, Roma, Veneza, Madri, Barcelona, Moscou, Tóquio, Santiago, Washington, Nova Iorque, São Paulo, Brasília e muitas outras se tornaram verdadeiros museus ao ar livre, onde o encontro das artes nas ruas gera uma identidade além das suas fronteiras. Contudo, mesmo apresentando qualidades mais que favoráveis à instalação de obras de arte em locais públicos, o acervo da capital cearense é limitado e frágil, pela falta de proteção. A cidade, mesmo

contando com uma lei inspirada na legislação francesa, e também baseada no exemplo da cidade do Recife, conquistada após diversas reuniões e audiências na Câmara Municipal de Fortaleza, a Lei 7.503, de 07 de janeiro de 1994, publicada no Diário Oficial de 18 de janeiro de 1994, continua não sendo aplicada. A aprovação dessa lei representa uma importante vitória da categoria de artistas plásticos, mas em pouco ou nada contribui para melhorar a realidade. Realidade esta bem expressa pela situação atual do "Parque das Esculturas", instalado no Parque Pajeú, inaugurado em 1997, com a exposição permanente de 17 obras de autoria de artistas plásticos cearenses, que simplesmente

"EVAPOROU"!!! Assim mesmo... simplesmente assim... Concebido sob a inspiração do Jardim das Esculturas, instalado na Praça da Sé, em São Paulo, esse sonho se concretizou quando, com o apoio da Câmara de Dirigentes Lojistas de Fortaleza e a adesão da Prefeitura Municipal de Fortaleza, finalmente, um antigo projeto almejado por diversos artistas tomou formas concretas e, em abril do mesmo ano, foi inaugurado o Parque das Esculturas. Objetivando a criação de um museu de esculturas ao ar livre, o Parque foi instalado às margens do Riacho Pajeú, local conhecido como Parque Pajeú, transformando uma área verde em um espaço cultural que há tempos Fortaleza espera-

va a oportunidade de possuir, no qual pudesse expressar sua arte, o trabalho de seus artistas. Através de seus curadores, os artistas plásticos José Mesquita e Roberto Galvão, o Parque começou a ser definido e, contando com a participação de mais catorze artistas exclusivamente cearenses, além dos dois curadores, o projeto logo concretizou-se. As obras, de dimensões avançadas, transformaram o espaço, fluindo por entre sua espessa vegetação, com a colaboração das obras dos artistas: Aderson Medeiros, Aldemir Martins, Ascal, Eduardo Frota, Emília Porto, Gilberto Cardoso, Hélio Rôla, Heloísa Juaçaba, José Guedes, José Mesquita, José Tarcísio, Patrícia Al'Kary, Roberto Galvão, Sérgio Lima,



FOTO: NELSON BEZERRA

"MULHER RECLINADA", DE ALDEMIR MARTINS ESCULTURA EM RESINA E POLIURETANO (1997), ESTA OBRA TAMBÉM INTEGRAVA O PARQUE DAS ESCULTURAS, NA RUA 25 DE MARÇO



**"COLUNA",
DE SÉRVULO
ESMERALDO**
ESCULTURA
EM AÇO
PINTADO
(1988)
INSTALADA
NO CENTRO
EMPRESARIAL
CLÓVIS
ROLIM, NA
RUA PEDRO
BORGES, 30

**ESPERAMOS, QUEM
SABE, UM DIA SEJA
COMPREENDIDA A
FORMA EXCEPCIONAL
COMO ALGUNS
CENTROS URBANOS
TORNARAM A ARTE
NO ESPAÇO URBANO
ELEMENTO ESSENCIAL
NA PROVOCAÇÃO DE
TRANSFORMAÇÕES
POSITIVAS**

Sérgio Pinheiro, Sérvulo Esmeraldo e Zé Pinto. E agora? No silêncio do descaso, tudo simplesmente desapareceu... nos restaram apenas as obras "Ecos do Cangaço", da artista Patrícia Al'Kary, que resiste, em situação de abandono, assim como "Pai Sol", de autoria de Emília Porto, e, de forma abandonada, também, se encontra o painel de Eduardo Frota, este instalado no local antes mesmo da inauguração do Parque, em 1993, mas que integra o mesmo espaço. E o que dizer da obra do nosso inesquecível Sérvulo Esmeraldo, intitulada "Cones"... corroída pela ferrugem? Descaso, desrespeito com a cultura da própria cidade. Que respeito, atenção ou amor os fortalezenses têm por Fortaleza? Ou será que tudo tanto faz? Que imagem tem esta cidade? Qual a imagem da cidade onde queremos viver e que queremos deixar para as futuras gerações? Ou isso não importa aos que aqui vivem? E o que dizemos para aqueles que não

podem mais contemplar a obra "Mulher Reclinada", do Aldemir Martins, ou a concepção de Heloysa Juaçaba intitulada "Abstração", para citar mais estes artistas que nos deixaram e já não têm como se manifestar. Como bem defendia Kevin Lynch com relação à imagem da cidade... "a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo perceptível no decurso de longos períodos de tempo". Esperamos, quem sabe, um dia seja compreendida a forma excepcional como alguns centros urbanos tornaram a arte no espaço urbano elemento essencial na provocação de transformações positivas, requalificando e revitalizando áreas na cidade. E reescrever o que estava tão bem escrito, mas precisa ser repensado e avaliado enquanto parte integrante de uma história que os fortalezenses precisam preservar e cuidar para as futuras gerações que já começaram a chegar. A responsabilidade é de todos nós. E viva a Arte Urbana!!!



A arte de combinar segurança, agilidade e bom atendimento.

Av. Desembargador Moreira, 1000A
Aldeota, Fortaleza/CE Fone: 85 3466.7777
www.cartorioaguiar.com.br

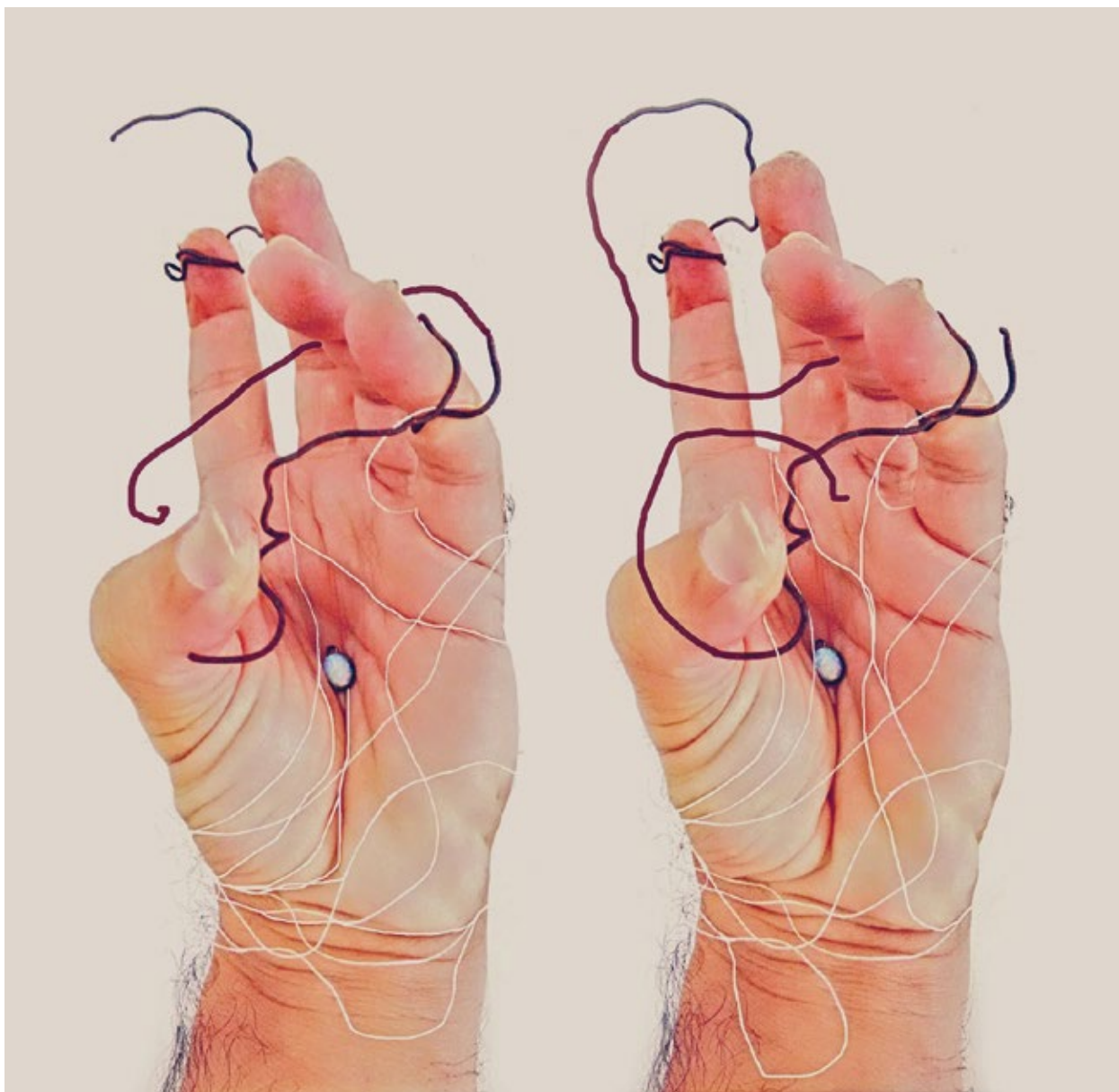
FRANCISCO ZANAZANAN

PARA OS AMANTES DA ARTE E, PRINCIPALMENTE, PARA AQUELES QUE ADMIRAM O TALENTO DE JOVENS E PROMISSORES ARTISTAS, O DIA 3 DE JUNHO DE 2015 FOI DE EXTREMA COMOÇÃO.

Foi nesta data que o artista plástico cearense Francisco Zanazanan faleceu em decorrência de uma enfermidade conhecida como histoplasmoze (fungo no sangue). Apesar de toda a tristeza, Zanazanan, que na época tinha 42 anos, deixou um legado surpreendente e absolutamente atemporal. Nascido em 1972, Francisco Zanazanan Queiroz de Mendonça, ou simplesmente Zanazanan, trabalhava e vivia no Conjunto Aratuzinho, em Caucaia. Filho de um policial militar e de uma merendeira, era o irmão mais velho dos quatro filhos do casal. Desde muito cedo, sempre foi bastante ligado à mãe. Segundo amigos, após a perda materna ele passou um tempo isolado. Apesar de não possuir histórico familiar ligado às artes, pessoas próximas afirmam que a mãe, por conta de sua intensa criatividade, foi a responsável por inspirar o filho. Em 1992, com apenas 20 anos de idade e autodidata, tornou-se bastante conhecido devido ao primeiro prêmio que recebeu no Salão dos Novos (evento conhecido no Estado por ter como intuito principal revelar talentos das artes plásticas), em Fortaleza. O que encantou o júri foi o trabalho realizado pelo artista com



ZANAZANAN POR VANDO FIGUEIREDO



**FOTOGRAFIA
ESTÉREO 3D**
(PARA VER FIQUE
VESGO E FIQUE O
CENTRO DA IMAGEM)
2014/15

relevos de madeira recortada de forma rústica e inscrição de grafismos. Anos mais tarde, o artista escreveria em seu blog que o maior impacto aconteceu, em grande parte, pela forma “toscamente recortada” com que executou sua arte. No mesmo ano, recebeu o prêmio de viagem Juventude Ecológica, do Instituto Equatorial de Cultura Contemporânea, e teve a oportunidade de residir por seis meses em San José, Costa Rica, onde conhece a arte e a cultura locais. Além disso, é lá que participa da Conferência da Juventude, tendo sido essa uma preparatória para a ECO 92 no Rio de Janeiro. Vindo de uma família extremamente simples, alheio à riqueza e ao luxo, Zanazanan sempre conseguiu utilizar a falta de dinheiro em benefício de sua arte.



FRANCISCO ZANAZANAN
 UMA DE SUAS PARTICULARIDADES ERA TRANSITAR, COM SENSIBILIDADE E ORIGINALIDADE, ENTRE A ARTE E A CIÊNCIA

E sabe como isso acontecia? Os primeiros trabalhos do artista eram descritos como altamente instigantes. Justamente pela falta de recursos, tinha ideias maravilhosas e sempre desafiadoras. Conhecido pela personalidade forte e pela extrema generosidade, as pessoas próximas enfatizam que ele era avesso às bajulações e só entrava em uma exposição por mérito próprio. Em seus trabalhos mais recentes, passou a fazer uso de sombras, um grafismo mais sutil e que, em alguns momentos, confundia-se com pintura, e também uma pesquisa com artes integradas, que unia luz, movimento e efeitos óticos. Uma de suas particularidades primordiais era transitar, com sensibilidade e originalidade, entre a arte e a ciência. Ultimamente, desenvolvia pesquisa que mesclava diversas linguagens, entre as quais: poesia, videoarte e ciência aplicada em física ótica. Os hologramas, por sua vez, eram

utilizados por ele desde a segunda metade dos anos 1990. Apesar de já conhecido no meio artístico, sua carreira profissional dá um grande salto a partir da mostra individual na Ibeu Art Gallery, em Fortaleza. Daí em diante, participa do Salão de Abril, e, por sete edições, entre os anos de 1996

e 2007, recebeu premiações. Para se ter ideia do destaque alcançado, na edição de 2013, comemorativa aos 70 anos do evento mais importante das artes plásticas no Estado, Zanazanan foi um dos sete artistas homenageados na mostra especial "70x7". Vando Figueiredo, artista

DA SÉRIE FREQUÊNCIA SONORA
"CONCERTO IN F MAJOR,
L'AUTUNNO, RV 293, ALLEGRO /
LARGHETTO /ALLEGRO MOLTO",
 2014, SERIGRAFIA SOBRE PAPEL
 30 cm x 30 cm



plástico cearense, afirma que “depois de Leonilson, Zanazanan foi a maior revelação da arte contemporânea do Estado”. Entre as mostras competitivas mais importantes fora do Ceará, citamos: Arte Pará, em Belém, em 1996 e 1998 sendo premiado; Salão da Bahia, em Salvador, 1999 e 2004 também premiado; e do Norman Rockwell, na Ibeu-CE Art Gallery, em Fortaleza, 1998. Em 2005 foi convidado pela Oriel Mostyn Gallery, do País de Gales, Reino Unido, para realizar residência artística na mesma. Antes de falecer, o artista estava iniciando o planejamento de um livro e uma exposição.



**TRABALHOS EXPOSTOS DURANTE
PROGRAMA “RESIDÊNCIAS EM FLUXO”.**
MAMAM NO PÁTIO, RECIFE

MASCARAR PARA REVELAR

Francisco Zanazanan é um artista delicado, de olhar sutil. O seu trabalho é feito com o tempero do tempo e alta dosagem de paciência. Ser artista da periferia do mundo tem suas vantagens nestes dias de excessos e vazios desmesurados. Na quietude de seu atelier no Conjunto Araturi, em Caucaia – Região Metropolitana de Fortaleza, Zanazanan espreita a sua arte fresca, consulta os seus oráculos, risca palavras-imagens sobre transparências para vedar o explícito. Coerente, ele injeta vigor na arte que dialoga com outros discursos semânticos. A palavra tem sido uma boa companheira para suas alquimias artísticas. Veja-se a obra *Aqui*, de 2007, cujo sentido se desloca quando o núcleo central da palavra é atingido pelo observador – *Aqui* vira *Ali*, num passe de mágica. Zanazanan nos mostra que ao sabor do passo do mundo muda ao redor. Mascarar para revelar parece ser o jogo que Francisco Zanazanan encontrou para o seu trabalho, que nos fascina por sua simplicidade intrínseca.

Trecho do texto escrito por Dodora Guimarães para o catálogo da exposição ZANAZANAN/OBRAS PREMIADAS, no Centro Cultural dos Correios, Fortaleza.



 **GALERIA**
Danielle Araújo

R. Vicente Leite, 1026 (85) 3264-7066 | 99998-5577

ANTONIO BANDEIRA

O CEARENSE PIONEIRO
NO ABSTRACIONISMO



AMAZONAS GUERREANDO 1958 (detalhe)

Nunca pinto quadros. Tento fazer pintura. Meu quadro é sempre uma sequência do quadro que já foi elaborado para o que está sendo feito no momento, indo esse juntar-se ao que vai nascer depois. Talvez gostasse de fazer quadros em circuitos, e que eles nunca terminassem e acredito que nunca terminarão mesmo". Com essas célebres palavras é possível perceber o valor e a grandiosidade do trabalho do artista cearense Antonio Bandeira. Para ele, as pinturas e as esculturas não buscavam uma representação concreta da realidade, uma vez que as obras são infinitas.

**É POSSÍVEL
PERCEBER O VALOR
E A GRANDIOSIDADE
DO TRABALHO
DO ARTISTA CEARENSE
ANTONIO BANDEIRA**

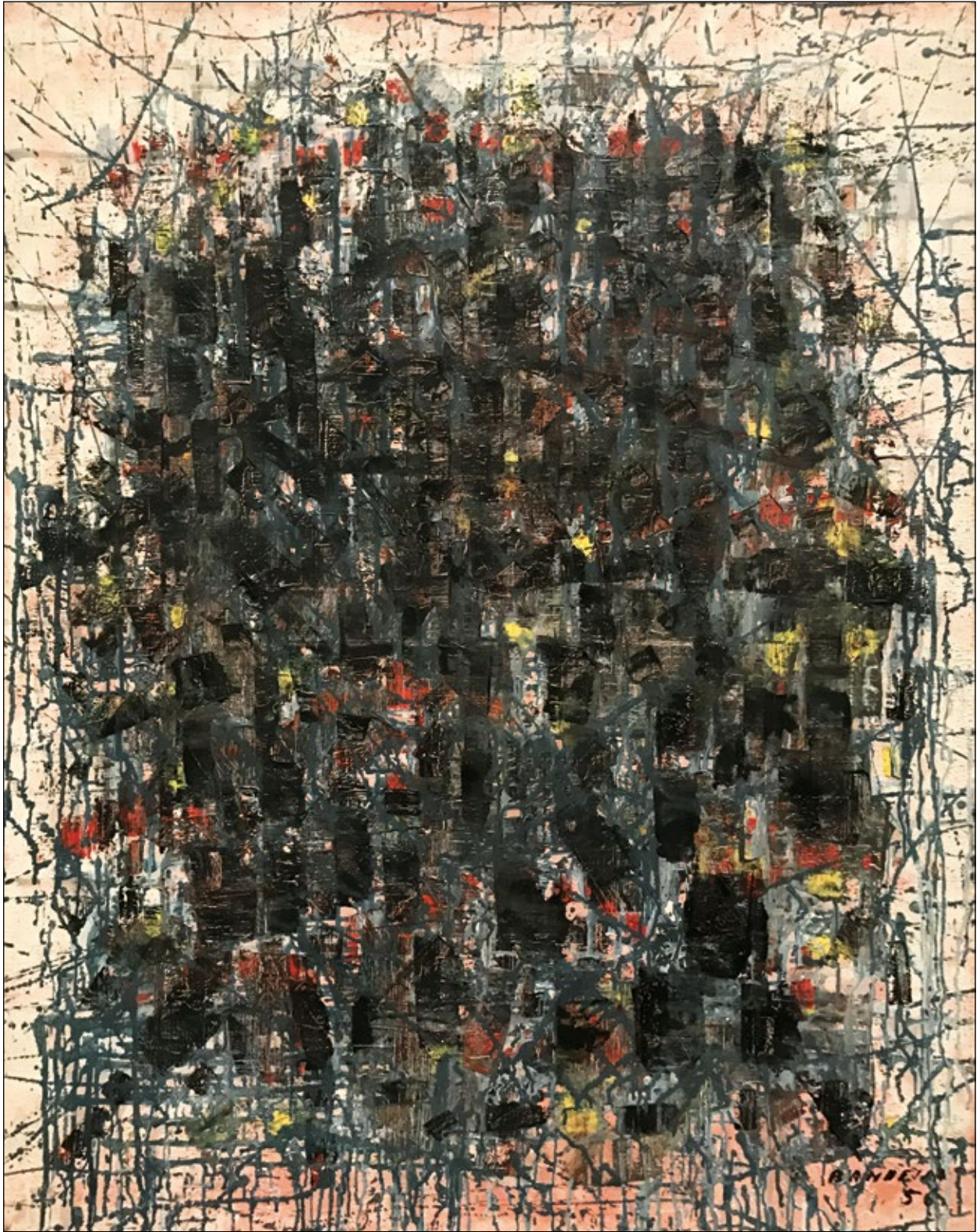


CIDADE QUEIMADA DE SOL 1959 (detalhe)

Nascido em 26 de maio de 1922, de família simples, Bandeira sempre teve muito interesse por arte. Seu pai, que trabalhava como ferreiro, priorizou a educação do filho, colocando-o para realizar os estudos no Colégio Marista, um dos mais tradicionais do Ceará. Foi lá que a professora de desenho percebeu que o garoto tinha grande talento para a arte pictórica, dando-lhe o primeiro apoio para o desenvolvimento de suas obras. Na capital cearense passou a se aprofundar no assunto e, autodidata, com apenas 19 anos, juntamente com Clidenor Capibaribe, o Barrica,

e Mário Barata, participou da criação de um Centro Cultural de Belas Artes (CCBA). Pouco tempo depois esse mesmo Centro se transformaria na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Com papel fundamental no fortalecimento e na afirmação da arte moderna no Estado, da SCAP participaram nomes como: Inimá de Paula, Aldemir Martins, João Maria Siqueira e Francisco Barbosa Leite. Além da inspiração direta dos artistas com os quais mantinha estreita relação de amizade (muitos deles bem mais velhos e experientes

que Bandeira), na adolescência e juventude, o jovem cearense demonstrava grande interesse pela poética desenvolvida por Van Gogh (1853-1890). Em 1945, decide se mudar para o Rio de Janeiro. Juntamente com ele foram Inimá de Paula, Raimundo Feitosa e Aldemir Martins, uma vez que Jean-Pierre Chabloz já articulava uma exposição destes artistas cearenses na Galeria Askanasy. A partir daí, o mar e as palmeiras de sua terra natal (apesar de nunca terem sido abandonados em seu trabalho) começam a dar espaço, também, às belas paisagens cariocas.



AS CHAMINÉS 1956

**ALFRED OTTO
WOLFGANG SCHULZE
E CAMILLE BRYEN
TIVERAM GRANDE
IMPORTÂNCIA
NO TRABALHO DE
BANDEIRA**

No mesmo ano, após participar de uma exposição de pinturas do Instituto dos Arquitetos do Rio de Janeiro, recebe uma bolsa de estudos do governo francês e no ano seguinte parte para o novo país. Na capital francesa, entre os anos de 1946 e 1950, frequenta a Escola Superior de Belas Artes, os cursos livres de desenho ministrados na Académie de la Grande Chaumière, além de frequentar o atelier de Narbonne e aprender gravura com Calanis. Os anos em Paris o colocaram em contato com grandes nomes da arte. No entanto, dois deles teriam relevância fundamental em seu trabalho e em sua formação artística: Alfred Otto Wolfgang Schulze (fotógrafo e pintor alemão conhecido como Wols) e Camille Bryen (poeta e pintor francês). A partir dessa aproximação, Antonio Bandeira decide aderir ao informalismo, também chamado de abstracionismo lírico, movimento que surgia na época com o intuito de combater toda a rigidez da pintura abstrata geométrica, utilizando,

para isso, formas indefinidas e cores alegres, animadas e líricas. Logo, sua até então fase figurativa sofre uma brusca e repentina mudança, transformando-se em abstrata. Foi com esses mesmos dois artistas que o cearense criou o grupo Banbryols (palavra formada pela junção das iniciais dos nomes dos três pintores), que duraria até 1951, ano em que faleceu Wols. Em 1951, decide retornar ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro. Chegando, instala-se no ateliê do amigo escultor José Pedrosa, local onde também trabalhava o pintor Milton Dacosta. No mesmo ano, apresenta sua primeira grande exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), durante a Bienal Internacional. Em 1952, também na capital paulista, cria um mural para o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/SP). Ao chegar a Fortaleza, na mesma época, inicia uma nova fase em seu trabalho, radicalizando totalmente a abstração informal e passando a incorporar os gotejamentos e respingos da tinta.



ANTONIO BANDEIRA
Nunca pinto quadros.
Tento fazer pintura.



A GRANDE CIDADE
1961 (detalhe)



**É EM SOLO FRANCÊS
QUE O TALENTO
CEARENSE COMEÇA
A UTILIZAR MATERIAIS
COMO BARBANTES
E ISOPOR**

Com essa nova técnica, desejava fazer com que o primeiro e o segundo plano da tela se mostrassem de forma indistinta, num jogo de linhas livres, harmonizado por formas coloridas. Ao participar da segunda edição da Bienal de São Paulo foi laureado com o Prêmio Fiat, motivo que o levou novamente à Europa em 1954. Permanece até 1959, passando pela Inglaterra e Bélgica, onde, em 1958, realiza um painel para o Palácio de Belas Artes de Bruxelas. Ao retornar ao Brasil, inicia uma fase de atividade artística bastante intensa, participando de importantes exposições. Em terras tupiniquins inaugura uma exposição individual no Museu de Arte Moderna da Bahia, expõe no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na 5ª Bienal de São Paulo e na XXX Bienal de Veneza. Em 1961, edita um álbum de poemas e litogravuras de sua autoria, e, no

mesmo ano, João Siqueira realiza um curta-metragem abordando toda a obra do pintor. Ainda no Brasil, Bandeira começa a incorporar materiais pouco usuais em suas telas, por exemplo, distribuindo miçangas na superfície pintada. Tudo isso em paralelo a mostras realizadas em Paris, Munique, Verona, Londres, Nova York e outros importantes centros culturais de difusão da arte. O retorno a Paris acontece em 1964. Antonio Bandeira se dedica a duas novas linguagens, "tempo e movimento". Entre os anos de 1965 a 1967, em solo Francês, sua arte ganha força, personagens passeiam pela obra, um artista maduro no ápice de sua qualidade. Perdemos o jovem gênio cearense aos 45 anos de idade em 1967, cedo nos deixa com tanto ainda a nos ensinar e nos mostrar, mas agradecemos tudo de magnífico que nos deixou. Obrigado, Antonio Bandeira!

UM MUNDO DE POSSIBILIDADES PARA COLORIR SEUS MELHORES MOMENTOS.

Seu dia a dia merece
as melhores cores.
Para isso, a Fortaleza
Tintas tem imensa
satisfação em levar
mais cor à vida de
seus clientes, parceiros
e colaboradores.
Afinal, são 44 anos
oferecendo produtos
de qualidade
e um atendimento
com a atenção
que você merece.
Tudo para que continue
sendo sua patrocinadora
oficial das cores.

  [fortalezatintas.com.br](https://www.fortalezatintas.com.br)



PERFIL DA ARTE

NA MATÉRIA A SEGUIR, VOCÊ CONFERE O PERFIL DE TRÊS DOS PRINCIPAIS ARTISTAS DO CENÁRIO CEARENSE, RECONHECIDOS NACIONAL E INTERNACIONALMENTE. VANDO FIGUEIREDO, MANO ALENCAR E TONONHO LAPROVITERA TÊM EM COMUM A CARREIRA DE SUCESSO E O DESEJO DE QUE A ARTE SEJA CADA VEZ MAIS DIFUNDIDA E APRECIADA.





MANO ALENCAR

CONHECIDO COMO "POETA DAS CORES", MANO ALENCAR É UM ARTISTA VISUAL, QUE TEM NA PINTURA ABSTRATA, COM EFEITOS DE LUZ E CORES PREDOMINANTEMENTE FORTES SOBRE A TELA, SUA ATIVIDADE MAIS CONSTANTE.

Ele é natural de Juazeiro do Norte, Região do Cariri, e tem sua arte reconhecida por meio de diversas exposições realizadas não só no Brasil, mas também na Itália, França, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Argentina e Cuba. Além de artista visual, Mano Alencar é compositor e tem quatro livros publicados: Mistura Letras e Palavras (1985), Pensando pela Boca (1992), Arremesso (1997) e Alucinação Urbana (2000). Em 1996, lançou o CD Parceiros Amigos, reeditado em 2009 com músicas inéditas, em que, como o próprio título sugere, parceiros e amigos interpretam composições de sua autoria. Para o artista, o início de tudo foi quando participou do histórico evento "Massafeira Livre", que reuniu no Theatro José de Alencar, em 1979, artistas como Ednardo, Belchior, Fausto Nilo, Teti, Petrócio Maia, Mona Gadelha, Calé Alencar, Angela Linhares, Tania Cabral e o poeta popular Patativa do Assaré - que fazia uma apresentação pública pela primeira vez - entre muitos outros, que, com destaque para a música, criaram a partir dali um amplo movimento cultural de divulgação da nova arte cearense.



ESCOLA DE RITMOS SAMBA E TELEVISÃO ACRÍLICA SOBRE TELA / 38 cm x 44 cm (detalhe)

TOTONHO LAPROVITERA



ESTUDOU ARQUITETURA E URBANISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, E FOI AINDA NO CIRCUITO ARTÍSTICO UNIVERSITÁRIO QUE RECEBEU SEU PRIMEIRO PRÊMIO EM SALÃO E REALIZOU SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL.

Logo no início, participou de exposições coletivas ao lado de grandes artistas visuais destacados no cenário cearense e até no exterior. O artista fortalezense, que ilustrou publicações literárias na imprensa nordestina, nasceu em 1957 e teve seu talento para a arte reconhecido a partir de 1974, ao participar de sua primeira exposição, na Casa de Cultura Raimundo Cela. Apesar da formação acadêmica, o arquiteto optou por dedicar-se à criação artística. Em 2001, realizou, a convite da Embaixada do Brasil na França, a exposição individual *Laprovitera à Paris*, no Espaço Cultural Jorge Amado, na sede da embaixada em Paris, e, em 2005, conquistou o primeiro prêmio da XIII Unifor Plástica, na categoria gravura. Em 2006, foi mostrar sua arte em Lisboa, com a exposição *Laprovitera em Lisboa*, na Casa da América Latina. No mesmo ano, representou o Ceará na coletiva *Artistas Brasileiros 2006*, em Brasília. Atualmente vem se dedicando à arte conceitual, que destaca a ideia a ser passada como sendo o mais importante numa obra de arte.



CONSTELAÇÃO CALANGO CEGO ASM COM APLICAÇÃO DE ESPINHO DE MANDACARU / 40 cm x 60,5 cm (detalhe)

VANDO FIGUEIREDO

O FORTALEZENSE VANDO FIGUEIREDO TOMOU GOSTO PELA ARTE QUANDO, EM 1988, PARTICIPOU DA IX UNIFOR PLÁSTICA, NA CAPITAL CEARENSE, E TEVE CINCO OBRAS DE SUA AUTORIA CLASSIFICADAS NO EVENTO.



“um clássico, na linha dos que consagram uma tradição e lutam pela preservação da ancestralidade e da simbologia que garante a nossa unidade biológica” pelo crítico literário Dimas Macedo, para quem “a expressão da sua maturidade criadora está presente nos traços

singulares e inconfundíveis da sua seleção de cores, no traço indissolúvel das suas colações ou das suas reproduções da cena social e cultural, e na figuração rupestre ou nos contornos aparentemente deformados de representações do corpo feminino”.

Em 1993, estudou desenho e pintura com o mestre cubano Raul de La Nuez, aperfeiçoando ainda mais os traços que caracterizam seu trabalho. Desenhista, pintor, gravurista e professor de arte - ministrou cursos de desenho e pintura na Universidade Federal do Ceará, na Universidade Sem Fronteiras, na Faculdade Integrada da Grande Fortaleza e no Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Já realizou diversas exposições, no Brasil e no exterior. Ganhou prêmios e obteve reconhecimento por sua arte, sendo considerado



CÔA ACRÍLICA SOBRE TELA / 40 cm x 40 cm (detalhe)



A ARTE DE FAZER SISTEMAS



anima
INFORMÁTICA

www.animainfo.com.br

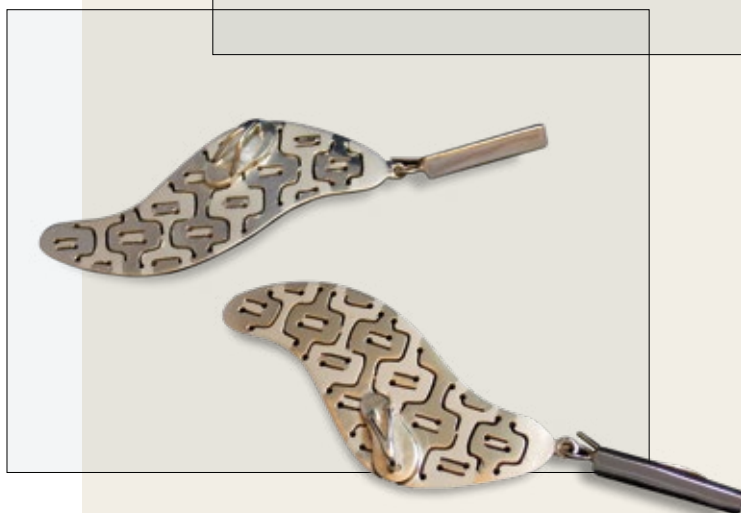


CLÁUDIO QUINDERÉ

DA PSICOLOGIA AO DESIGNER DE JOIAS



O que as novelas *Mulheres Apaixonadas*, *O Beijo do Vampiro*, *América*, *Celebridade*, *Duas Caras*, *Caminho das Índias* e *Tititi* têm em comum? Em todas elas as atrizes tiveram a oportunidade de usar peças produzidas pelo talentoso cearense Cláudio Quinderé. O artista, apesar de ser reconhecido nacional e internacionalmente, é dessas pessoas que conquistam por sua simplicidade e simpatia. O envolvimento com a arte vem desde muito cedo. Durante a infância morou com a família no Rio de Janeiro e durante anos estudou pintura no Museu de Arte Moderna da cidade, tendo como professor Ivan Serpa (pintor, desenhista, professor e gravador brasileiro). Quando retornou a Fortaleza, Cláudio foi assíduo frequentador de grupos de teatro, festivais de música e cursos diversos de artes plásticas. “Depois da Faculdade de Psicologia na UFC voltei para o Rio para fazer minha formação em Psicanálise Lacaniana, profissão que exerci por mais de 8 anos, os últimos três já em Fortaleza”.



Apesar da formação em Psicologia, Quinderé revela que o distanciamento com a arte o incomodava bastante. No entanto, devido a esses acontecimentos com um dedinho do destino, ele teve a oportunidade de fazer um curso de joalheria em Victoria, ilha de Vancouver, no Canadá, onde estagiou com o renomado designer Rolf Schmidt. "Foi essa oportunidade que eu precisava para me reaproximar das esculturas, já que todo o meu trabalho em joalheria é feito à mão. Começava assim a trabalhar com pequenas esculturas utilitárias, joias", conta. Após o tempo passado no exterior, Cláudio estudou ourivesaria em São Paulo. Retornando à capital cearense, o trabalho como designer de joias começou, de fato, em 1993. No início, todas as peças eram produzidas na própria casa do artista. Isso aconteceu durante dois anos, até que ele percebeu a necessidade de transferir o ateliê para um ponto comercial, local que existe até hoje. Além do ateliê, Cláudio Quinderé tem suas peças comercializadas em lojas de Fortaleza, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Hotel Sheraton WTC em São Paulo, por representantes em várias cidades brasileiras e também em sua loja online. Por sua importância, já participou de eventos como o Casa Cor Ceará, Casa Cor São Paulo, Fashion Rio, Daslu Artes e Bienal Brasileira de Design, em Paris.

**NO INÍCIO, TODAS AS
PEÇAS ERAM PRODUZIDAS
NA PRÓPRIA CASA
DO ARTISTA**

Conhecido e aclamado pelo belo trabalho que realiza utilizando a prata como matéria-prima, Quinderé afirma que o uso do material surgiu de forma absolutamente natural. "Queria apresentar a minha arte, independente de ser em ouro ou prata, o design sempre foi o mais importante. Quando comecei a trabalhar com joias em Fortaleza, senti muito preconceito em relação à prata, muitas pessoas demoraram a vê-la como metal tão nobre quanto o ouro. Com o tempo conseguimos romper essa barreira", diz. Além de apresentar ao público a nobreza da prata, Cláudio passou a misturá-la com renda de labirinto, seda de palha de buriti, granito lapidado, couro, seda pura bruta e uma gama de materiais que se tornam tão nobres quanto ouro e prata se bem inseridos num conceito de design. O artista é reconhecido por traduzir, com esmero e extrema delicadeza, folhas, flores, pássaros, formas geométricas e crucifixos. A cada nova coleção lançada, ganha um número maior de admiradores. Muito disso se deve ao fato de que tudo é pensado com muito zelo e cuidado. "Cada coleção nasce de um conceito. Escolho os materiais que vou utilizar através de muita pesquisa, sempre atento a fazer algo original. Por último faço os desenhos, dos quais de cada 10, apenas um ou dois são confeccionados, seleção que faço no decorrer do processo", conta Cláudio Quinderé. O processo de conceitualização até chegar às mãos do consumidor (todo feito manualmente) pode durar muito tempo. Sobre isso ele afirma: "Já aconteceu de uma coleção só sair do ateliê depois de anos, por não encontrar a técnica, os materiais pensados, ou





**QUINDERÉ É
CATEGÓRICO: "ACHO
QUE O MERCADO
ESTÁ CADA VEZ MAIS
RECEPTIVO PARA O
"FEITO À MÃO",
O ÚNICO**

mesmo por achar que o mercado não iria absorver naquele momento a coleção". Quando questionado sobre a forma como o mercado cearense recebe o trabalho dos designers de joias, Quindere é categórico: "Acho que o mercado está cada vez mais receptivo para o "feito à mão", o único. Acredito que todo artista que faz ele mesmo sua arte, no caso das joias, aquele que senta na banca, sente o metal sendo moldado, que usa suas mãos no processo, esse artista é apaixonado pelo seu trabalho e essa paixão se reflete na peça final". No final de 2015, Cláudio foi convidado a integrar o coletivo Oicos Grupo Criativo, do qual fazem parte Cecilia Bichucher, Nícia Bormann, Túlio Paracampos, Vera Dessart, Vera Sampaio Dessart (Nó) e Wilson Neto. Pelo fato de serem

artistas que se expressam nas mais diversas linguagens, o grupo ficou conhecido por ser representativo de uma arte compartilhada, onde se ensina e se aprende, onde se trocam experiências e afetos. Quando perguntado sobre o futuro, Quindere revela seus desejos: "Continuar criando joias, claro, mas tenho explorado outros caminhos nas artes plásticas. Escultura em argila, em chapa metálica, xilogravura. São todas experimentações, mas que se complementam".

SERVIÇO:

Quem quiser conhecer mais sobre o trabalho do designer basta acessar o site claudioquindere.com.br



**CON
TEM
POR
ARTE**
galeria



Sem título, 2016
por Diego de Santos.

Esterográfica e fuligem sobre
papel. 20,5 cm x 45 cm.

CADEH JUAÇABA DIEGO DE SANTOS TULIO PARACAMPOS
ALICE LARA SERGIO GURGEL

GALERIA CONTEMPORARTE
R. Dona Federalina Augusto Lima, 111 - Guararapes - Fortaleza - CE
de segunda a sexta, das 08:00h às 18:00h | (85) 3023-2001
contemporarte.com.br | contato@contemporarte.com.br

CERAMISTAS CEARENSES

TALENTO PARA FORTALECER E
DESENVOLVER UMA TÉCNICA MILENAR

Do grego "kéramos" ("terra queimada" ou "argila queimada"), a cerâmica é um material frequentemente encontrado em escavações arqueológicas. Para se ter ideia de sua importância, historiadores utilizam o estudo das técnicas de decoração e fabricação de objetos em cerâmica para reconstruir, com base segura de dados, diversos aspectos da vida de antigas civilizações. Ao longo do tempo, a arte da cerâmica foi se modernizando - sem nunca deixar de lado seu aspecto de rusticidade - e ganhando um grande número de adeptos. No Ceará, três nomes são destaque: Annelise Grieser, Bosco Lisboa e Emília Porto. Confira um pouco mais do talento desses três artistas.

ANNELISE GRIESER



“Minha mãe era artista plástica e, numa determinada altura de sua vida, fez experiências com o barro, moldando a argila e vitrificando com cacos de vidro. Nessa época, eu era criança e juntas frequentávamos olarias, quando ela trazia para casa a matéria-prima e me dava um pouco para brincar, me incentivando a criar”. Foi assim que Annelise Grieser, formada em Comunicação Social, começou a falar sobre sua proximidade e paixão pela arte. De acordo com ela, o desejo de fazer cerâmica surgiu no final do ano 2000, quando se deparou com uma matéria sobre os ceramistas Megumi Yuasa e Masako Akeho. “No ano seguinte fui para Cotia, São Paulo, para fazer uma oficina com eles. Daí em diante montei um ateliê no Eusébio e fui me virando sozinha, quebrando a cabeça até dar os primeiros passos”, revela. Uma das principais características da artista é sua veia inventiva e determinada. Para se ter ideia, sem nenhum auxílio técnico, construiu um forno a gás e começou a realizar as primeiras queimas, aprendendo, aos poucos, a regular a temperatura. A experimentação com os esmaltes e as formas tridimensionais é o grande diferencial do seu trabalho. Segundo conta, a matéria-prima para os vidrados é trazida de São Paulo e os mesmos são produzidos por ela, a partir de alguns componentes que passam criar novas cores e tonalidades. “A cerâmica é uma ciência cheia de mistérios. Todo ceramista possui um leque de cores com o qual gosta de trabalhar e que acaba virando uma marca, mas a curiosidade por novos resultados permanece sempre presente naqueles que gostam de desafios”, assevera Annelise. Artista premiada e sempre buscando um maior aperfeiçoamento, Annelise Grieser afirma que para ter sucesso como ceramista é fundamental não ter medo de ousar e de experimentar novas possibilidades. “É preciso ter coragem para dar o primeiro salto, porque só então será capaz de nadar de braçada”, aconselha.



BOSCO LISBOA



Aos 16 anos, Bosco Lisboa, nascido em Juazeiro do Norte, estava em época de vestibular e, ao chegar à casa de um amigo, observou uma pequena escultura de barro. “De pronto, perguntei a ele onde comprava aquele material. Saindo de lá, fui imediatamente comprar o barro e, ao chegar em casa, passei a noite elaborando esculturas. O mais impressionante era a facilidade com que fazia tudo aquilo, mesmo sem nunca ter entrado em contato antes”. Desse dia em diante, Bosco afirma ter encontrado sua profissão, mesmo contrariando os pais, que o queriam médico ou padre. De início, a carreira começou com a modelagem de santos em barro. Com o tempo, a cerâmica foi descoberta e virou sua grande paixão. Durante mais de dez anos, Bosco desenvolveu intensa pesquisa com artesãos do Sítio Touro e do bairro Tiradentes, tradicionais redutos da cerâmica em Juazeiro do Norte. O barro e a cerâmica sempre tiveram forte presença no fazer artístico de Bosco, como ele explica: “Me identifiquei muitíssimo com o barro, acho que pela modelagem (é o material mais usado para fazer matrizes que vão passar por moldes com tiragem feita em outros materiais) e, para virar cerâmica (depois da queima) tem milhões de possibilidades de endurecimento como queimas de alta temperatura e esmaltações, tipos de fornos que dão resultados diferenciados”. Entre os grandes diferenciais do artista está o gosto por representar cenas do cotidiano – com traços bem delineados e uma riqueza de detalhes impressionante – com objetos vistos com facilidade dentro das casas, tais como sapatos, roupas, bolsas, colchões, lençóis e até varais. “Estas peças, feitas em cerâmica, não são vistas com facilidade. Busco um fino acabamento, tudo isso para que tenha a máxima aproximação da realidade”, conta. Madeira, concreto, esponja de poliuretano e fibra de vidro são materiais também utilizados pelo artista em seus trabalhos, feitos sob encomenda. Ao longo da carreira, Bosco Lisboa já foi contemplado com vários prêmios em editais e salões em diversos estados. “Todos os prêmios recebidos são de grande importância, pois impulsionam a profissão e dão visibilidade ao artista”, orgulha-se.

EMÍLIA PORTO



Ceramista, artista plástica e designer de interiores. Uma artista multifacetada. Esta, certamente, é a melhor definição que podemos dar à cearense Emília Porto. Segundo conta, a paixão pela arte foi descoberta bem cedo. Com apenas 8 anos, ganhou do pai uma caixa de lápis de cera suíço. O presente foi o grande responsável por fazê-la abandonar as bonecas e descobrir outra paixão. “Na infância, sempre ajudava meu pai, na época cônsul de Portugal em Fortaleza, com ideias criativas e artísticas”, revela. A veia artística, entretanto, era algo que já vinha de família, uma vez que seu avô, Pedro Veríssimo, foi o responsável por fundar a orquestra Henrique Jorge e era amante de todas as artes. Apesar de já ter transitado pelas mais diversas vertentes artísticas (produção de murais e telas, pinturas especiais em paredes e móveis e artesanato em madeira), Emília Porto ganhou grande destaque trabalhando com a cerâmica. “Me identifiquei totalmente com a cerâmica, foi isso que me fez querer fortalecer essa arte”. Tudo começou quando, em São Paulo, no bairro Moema, ela decidiu abrir a escola Studio 40. No local, lecionou entre os anos de 1973 e 1985. Lá, eram feitos diversos experimentos técnicos com a cerâmica. Foi ainda na capital paulista que a artista aprimorou seu dom como ceramista, estudando na escola Bildec, com uma das mais renomadas ceramistas do Brasil, Hisal Shugichita. Foi na mesma época que Emília ganhou de presente do marido um forno artesanal, o que possibilitou a intensificação da produção cerâmica. Quando retornou a Fortaleza, continuou a produzir cerâmica. “O grande diferencial do meu trabalho é fazer tudo com criatividade e muitas cores. Estou sempre inventando e improvisando, fugindo dos lugares-comuns”, afirma Emília. Além de diversos prêmios no Brasil, a artista já foi laureada diversas vezes em Portugal e na França. Quando indagada sobre um conselho a dar aos novos artistas, Emília é categórica: “Que tenham sempre amor por tudo que criarem e que se afastem das cópias”.



Perfeito para o seu evento.



Rua São Gabriel, 399 - Cocó - Fortaleza - CE
Fone: 3051.1340



 PIPORESTAURANTEOFICIAL

 @PIPORESTAURANTE

 PIPOEARTE@GMAIL.COM

CASA BARÃO DE CAMOCIM

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Romeu Duarte

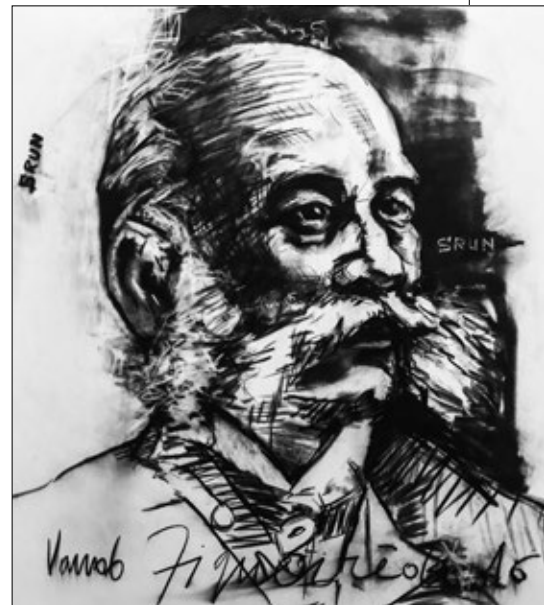
Levou-se em consideração, na intervenção proposta para a Casa Barão de Camocim, a necessidade de realização de obras de conservação, restauração e adaptação do imóvel, inicialmente, à realização da edição 2016 da mostra Casa Cor Ceará e, posteriormente, à sua ocupação pela Vila das Artes, equipamento cultural submetido à Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza - Secultfor. Foram executadas no imóvel ações de restauração, manutenção, conservação, consolidação estrutural, paisagismo e adaptação para torná-lo acessível. Observou-se a contribuição relativa ao assunto contida nas cartas patrimoniais de Veneza (Icomos, 1964) e de Burra (Icomos/Austrália, 1980), procurando-se também respeitar as determinações estabelecidas na Lei Municipal Nº 9.347, de 11 de março de 2008, a qual dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico-cultural e natural do Município de Fortaleza. Consultando a instrução de tombamento municipal elaborada para o bem, são constatados os valores histórico, artístico, arquitetônico e urbanístico que serviram de justificativa à sua proteção:



A casa do Barão de Camocim tinha o requinte das mais luxuosas casas do Velho Mundo. De Paris e de vários países europeus vieram todos os móveis e adornos: os tapetes, o piano do tipo Stuttgart, a prataria, as joias, os cristais, lustres espanhóis, candelabros de cristal trazidos da França, obras de arte produzidas por artistas europeus do século XVIII, estofados em estilo Luís XV, espelhos e consoles. O prédio é uma das obras arquitetônicas mais antigas da cidade, construído no final do século XIX. Lá foram servidos banquetes a personalidades

ilustres da sociedade, políticos e o clero, local, do Brasil e internacional. "O Palacete possuía uma varanda de acesso à parte social, um hall que separava o salão de honra e o salão de jantar. Nos extremos, a biblioteca e o gabinete. Um vasto salão funcionava como área de estar e almoço. A copa, também de grandes dimensões, tinha arcadas abertas para um jardim interno, com um chafariz, a parte de serviço e alojamento da criadagem. Num pequeno hall, a escada e o elevador davam acesso ao andar superior, onde ficavam os muitos

quartos, todos com janelas para o jardim principal. Um grande hall com sacadas para o jardim interno completava o cenário. À direita da casa, havia um pomar cultivado pela própria baronesa, uma espécie de recanto parisiense para o seu lazer. Quando as netas do Barão foram nascendo, o recanto cedeu espaço para bangalôs, que serviram de residência às novas famílias - assim que surgiu a Vila Barão de Camocim, com comunicação até a Rua 24 de Maio". O imóvel constitui tipologia diferenciada, própria das residências faustosas e requintadas da classe



FOTOS: ESDRAS GUIMARÃES

**BARÃO DE
CAMOCIM FOI
TEMA DE TRABALHO
DO ARTISTA VANDO
FIGUEIREDO**



dominante fortalezense da época. Objeto de intervenções diversas ao longo de sua existência, o imóvel teve a sua arquitetura original descaracterizada por reformas sucessivas, as quais lhe emprestaram arranjos estilísticos outros que acabaram por valorizar sua conformação física. Ressalte-se, ainda, além da sua atual linguagem Mission Style, a menção ao seu valor urbanístico, vez que a Rua General Sampaio, onde se situa o imóvel, tinha como extensão o antigo Boulevard Visconde de Cauípe (atual Avenida da Universidade), via através da qual a Fortaleza do final do século XIX efetuou, para o sul, sua primeira expansão, mediante a

implantação de uma linha de bondes que fazia a sua ligação com o Benfica. De início, como de praxe, foram realizadas prospecções para detecção de problemas de conservação e características arquitetônicas e decorativas em alguns pontos do imóvel, a saber, nos pisos e forros do pavimento superior, nas cobertas dos dois pavimentos, na ala sul do terraço, nos muros das ruas Meton de Alencar e General Sampaio e nas paredes dos salões e dormitórios, onde foram encontradas pinturas parietais. O péssimo estado de conservação dos pisos do pavimento superior e da coberta do pavimento térreo impôs que estes elementos



fossem recuperados de pronto. Preliminarmente, cuidou-se de equipar a casa com elementos que a mesma não dispunha ou oferecia com baixa qualidade, tais como os sanitários, a plataforma hidráulica, a escada e o elevador, para garantia de conforto e acessibilidade aos usuários. Os novos sanitários foram implantados nos locais dos antigos. A plataforma hidráulica externa foi implantada lateralmente ao pórtico frontal da antiga residência. No vestíbulo que dá para a Rua Vila do Barão, com acesso por escadaria, e em um dos aposentos da cozinha foi implantado o conjunto de escada e elevador. A escada se alça para

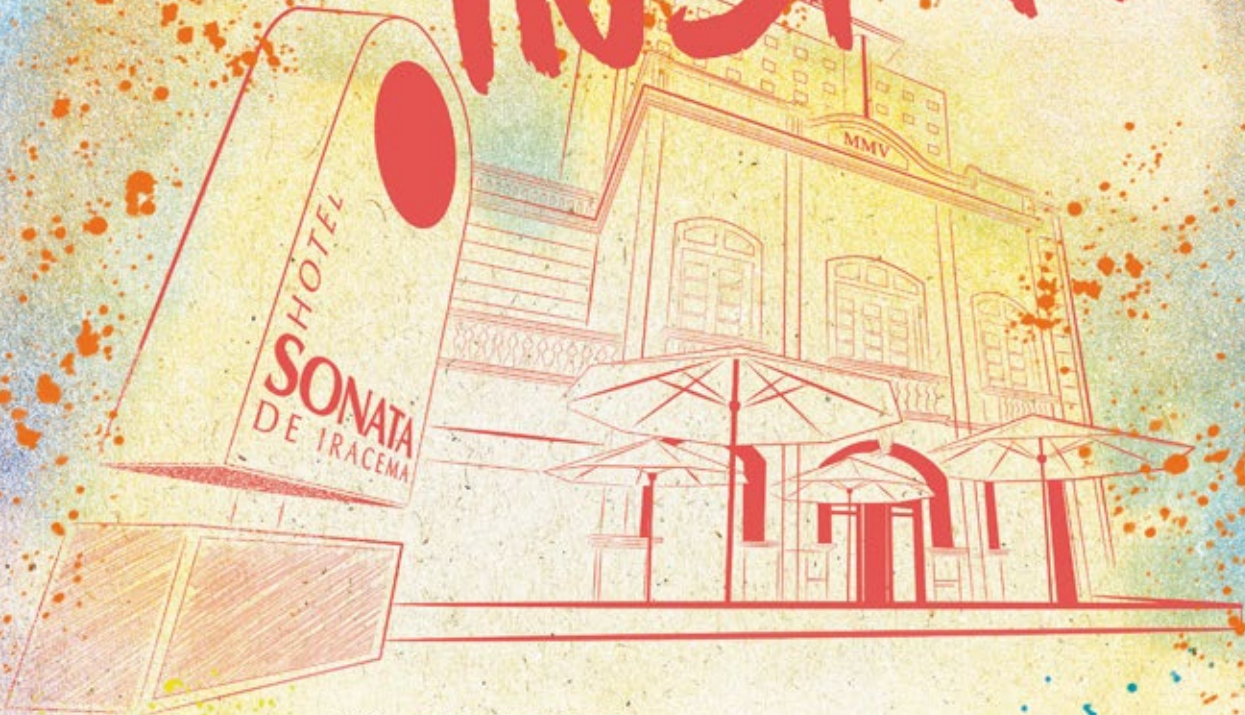
além do volume da ala norte e surge como um volume em aço corten e acrílico, numa solução arquitetônica contemporânea que privilegiou a distinguibilidade e a reversibilidade. Nos fundos da ala sul, a partir do patamar da escada que liga a circulação das arcadas ao quintal, implantou-se uma rampa em estrutura metálica. A escada existente foi recuperada, assim como o elevador, e servirão de acessos auxiliares ao pavimento superior. Os novos engenhos de circulação vertical foram projetados procurando-se atender rigorosamente às normas técnicas do Corpo de Bombeiros. Pretendeu-se, situando o conjunto de circulação vertical no vestíbulo com acesso pela Rua Vila do Barão, inverter o fluxo de entrada e circulação no imóvel, a partir do pavimento térreo, com isso podendo-se utilizar integralmente este nível e fazendo no vestíbulo o controle dos acessos. O ingresso no edifício pela plataforma hidráulica só se dará em casos de atendimento a cadeirantes e pessoas com dificuldade de locomoção. Os novos acabamentos, peças e revestimentos são de desenho contemporâneo e discreto, valorizando-se a resistência, a durabilidade e a fácil manutenção. Foram criadas lajes técnicas na cobertura para a implantação das unidades remotas do sistema de ar condicionado. Os splits foram posicionados nos ambientes considerando-se as linhas, ornatos e elementos arquitetônicos destes. As novas instalações (elétricas, hidráulicas, de ar condicionado, de lógica etc.) foram implantadas de forma a não interferirem nas linhas arquitetônicas dos interiores do edifício. O mesmo caráter sóbrio foi pensado para o projeto luminotécnico, de maneira a valorizar a bela arquitetura do prédio com tons amenos e discretos. Privilegiou-se, na análise

dos projetos de ambientação, o respeito aos valores que alçaram o edifício à condição de monumento municipal; a mínima intervenção; os cuidados com os elementos arquitetônicos e decorativos originais; o aproveitamento dos predicados espaciais e artísticos dos ambientes; e a proposição de intervenções que pudessem ser aproveitadas após a mostra no cotidiano da Vila das Artes, entre outros critérios de avaliação. Na segunda etapa da operação (implantação da Vila das Artes), o projeto de ocupação, a ser posteriormente elaborado mediante a definição de um programa de necessidades, deverá considerar a capacidade de abrigo e suporte e as possibilidades

estruturais do edifício, de maneira que o mesmo possa servir adequadamente aos fins pretendidos. Portanto, procurou-se tão somente equipar o edifício para atendimento de suas demandas espaciais e de atividades, absolutamente distintas entre si, objetivando respeitar e valorizar um bem imóvel tombado no âmbito municipal nos marcos teóricos e práticos da conservação, do restauro e da adaptação a novos usos. Numa palavra: devolveu-se à sociedade fortalezense uma majestosa edificação, protegida por sua relevância histórica e artística, mediante uma profícua parceria da Casa Cor Ceará com a Prefeitura Municipal de Fortaleza.



AQUELA VISTA QUE INSPIRA



HOTEL SONATA DE IRACEMA **somos**



Cozinha
Hospedagem
Restaurante



www.sonatadeiracema.com.br | [@hotelsonatadeiracema](https://www.instagram.com/hotelsonatadeiracema) | [/sonatadeiracema](https://www.facebook.com/sonatadeiracema)

Av. Beira Mar, 848 - Praia de Iracema • CEP.: 60060-610 • Fortaleza - Ceará - Brasil
+55 (85) 4006 1600 • Reservas: +55 (85) 4006 1616 • reservas@sonatadeiracema.com.br
PINTURA # ESCULTURA # FOTOGRAFIA # GRAVURA # TÉCNICAS MISTAS # OBRAS ARQUITETÔNICAS

JAPAN HOUSE

DIFUNDINDO CULTURA E
FORTALECENDO LAÇOS ENTRE NAÇÕES

Denise Marinho

Na Avenida Paulista, nº 52, em meio a edifícios altos em concreto e vidro, uma construção compacta de 3 andares tem personalidade própria e se destaca na imensidão do lugar: a Japan House - projeto de autoria do arquiteto japonês Kengo Kuma, em parceria com o escritório de arquitetura paulista FGMF -, inaugurada em 6 de maio de 2017. Kengo Kuma é, atualmente,

considerado o arquiteto mais inventivo do Japão. Pesquisador da utilização de novos materiais e novas experiências construtivas, usa as técnicas artesanais da tradicional cultura japonesa combinadas às novas tecnologias e materiais industriais, objetivando soluções que favoreçam a fácil reconstrução das edificações, ante a possibilidade de ruírem em face da instabilidade sísmica dos terrenos asiáticos.



Kengo Kuma faz uso do washi (papel japonês), da técnica sukyia de construção em madeira, de elementos em material flexível como o bambu, e de estruturas de alumínio de conexões maleáveis, que se adaptam facilmente ao relevo e às intempéries do Japão. Kuma encontrou no Brasil uma de suas inspirações mais recentes, o cobogó - criado em Recife nos anos 30, por Amadeu Oliveira Coimbra, Ernest August Boekmann e Antônio de Góis, engenheiros brasileiros - e o utilizou na fachada lateral da Japan House. No Japão, "edificar" é criar "espaços de vazio", que se diferem radicalmente da noção do "nada" do mundo ocidental. Para o arquiteto, é fundamental a criação desses "espaços de vazio", o uso da transparência, a interação com a luz possibilitando a formação de efeitos claro-escuro, a utilização dos materiais orgânicos e dos saberes das mãos japonesas, que imprimem às suas construções um caráter fortíssimo e uma sensação de envolvimento inesquecível. Para ele, são lugares potenciais onde tudo pode acontecer, desde uma cerimônia do chá a outras atividades.



EXPOSIÇÃO INAUGURAL BAMBU - HISTÓRIAS DE UM JAPÃO

O PROJETO DA JAPAN HOUSE TEVE POR OBJETIVO SER UM CENTRO CULTURAL QUE RESGATASSE MEMÓRIAS AFETIVAS E SENSORIAIS PARA OS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL

O projeto da Japan House teve por objetivo ser um centro cultural que resgatasse memórias afetivas e sensoriais para os imigrantes japoneses no Brasil e divulgasse a cultura japonesa, em toda a sua abrangência, para os demais povos que visitam a casa. O espaço foi doado pelo governo japonês à cidade de São Paulo. As próximas Japan House serão em Londres e Los Angeles. Uma imensa e bela trama em madeira envolve o edifício em sua fachada principal, e segue formando o fechamento do lote na lateral. Parecendo brotar do chão, a trama forma um arco que nos convida a entrar, estabelecendo um diálogo entre a própria edificação, a natureza e o homem.



RECORTE DO SEGUNDO PAVIMENTO DA JAPAN HOUSE EMOLDURADA POR ESPAÇOS VAZIOS

Os “espaços de vazio”, nos três pisos do edifício, acolhem e possibilitam funções diversas. Painéis em tramas de alumínio flexível envolvidas com washi - o papel japonês - ora revestem planos de paredes, ora definem outros espaços e os mantêm integrados aos espaços adjacentes através dos pequenos vazios das telas. Uma arquitetura minimalista envolvente confere aos seus visitantes atitude contemplativa. Fecho os olhos e imagino essa pequena edificação integrada a um belo jardim japonês. Mas ela não está naquele ambiente imaginário, e sim em meio a prédios altos, em meio à paisagem urbana densa da maior metrópole brasileira. Sua vizinhança, de proporções gigantescas e pouco cuidada,

parece sufocá-la. Incólume a esse contexto, a Japan House paulistana se introduziu nesse espaço urbano de forma diferenciada da outra linguagem existente. A espinha dorsal do edifício é formada pelo elevador, com sua estrutura aparente e a escada vazada, que o contorna e envolve, integrando física e visualmente os três níveis. A trama em madeira pode ser percebida de dentro para fora em todos os níveis da edificação, permitindo conectarem-se o interior do prédio e a paisagem exterior da Avenida Paulista e seu entorno. Os “espaços de vazio” internamente são predominantemente brancos, contrastando com a madeira clara dos pisos e com o cinza rústico das lajes nervuradas em concreto aparente. Suspensos por tirantes

quase invisíveis presos às lajes de teto, flutuam pequenos painéis horizontais, com a mesma linguagem predominante, e cuidam de manter a harmonia acústica e suavizar a aridez do concreto em alguns ambientes. Instalações diversas se distribuem pelo teto de forma explícita. A distribuição da iluminação se adapta à medida das exposições transitórias e ao efeito desejado para valorização do pequeno edifício. Japan House traz em si o espírito japonês. É um espaço inspirador, que já abriu inúmeras portas de contato entre o Brasil e a cultura japonesa. A sua 2ª mostra, agora em curso, faz uma homenagem ao arquiteto, artista e pensador que foi responsável pela essência inovadora dessa casa.

O MERCADO DE ARTE EXISTE

Roberto Galvão

Pode aparentar que não existe, mas ele existe, sim. Basta abrir os olhos e logo se percebe que não há um ambiente arquitetônico de qualidade que não tenha obras de arte. E isso não ocorre apenas nos ambientes feitos por decoradores. Qualquer pessoa mais sensível e de bom gosto tem no seu espaço de convivência, seja lugar de trabalho ou residência, algumas obras de arte. E elas existem para qualquer nível de poder aquisitivo, inclusive o seu. Basta dedicar um pouco de tempo para a divertida e agradável tarefa de garimpar o que deseja no mercado. Apesar da crise, que tem sido uma desculpa para muita coisa, o mercado de arte mostra recuperação em todos os níveis: internacional, brasileiro e local. No campo internacional, a novidade é o retorno dos EUA, que respondem por mais de um terço dos valores negociados no mundo, ao primeiro lugar no ranking mundial das vendas, superando a China, que nos últimos anos ocupava a ponteira nos negócios de arte. No Brasil, a novidade, que não sei se é positiva ou negativa, é a passagem da arte brasileira pelos nossos aeroportos internacionais.



A participação em eventos no exterior e a consequente venda para estrangeiros foi a alternativa encontrada por nossos artistas e donos de galerias para compensar a queda no mercado interno. Segundo notícia publicada em fevereiro deste ano, no jornal O Estado de São Paulo, com esse artifício as vendas de arte brasileira quase que dobraram, atingindo US\$ 67 milhões em 2015 - último dado que temos. Todavia, infelizmente, em nosso país não podemos acreditar nos dados apresentados, mesmo os oficiais. Além da busca do mercado externo, os artistas têm recorrido à apresentação de seus trabalhos nas mídias sociais, principalmente Facebook e Instagram, para divulgar suas obras e serem mais conhecidos pelos consumidores de arte, tanto nacionais como internacionais.

**ALÉM DA BUSCA DO
MERCADO EXTERNO, OS
ARTISTAS TÊM RECORRIDO
À APRESENTAÇÃO DE SEUS
TRABALHOS NAS MÍDIAS
SOCIAIS, PRINCIPALMENTE
FACEBOOK E INSTAGRAM**



ROBERTO GALVÃO
CONSOLIDAÇÃO
DE UM
MERCADO
MAIS REGULAR

Notícia alvissareira é o reconhecimento internacional obtido pelos artistas Antônio Dias (paraibano residente na Alemanha) e Paulo Bruscky (pernambucano), recentemente adquiridos para constar no acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York. Na arte cearense, temos que comemorar o aparecimento de novas galerias e do Museu da Fotografia, em Fortaleza; a criação da Pinacoteca de Sobral e a movimentação artística que atualmente se desenvolve na terra de nascimento de Raimundo Cela e Zenon Barreto. A movimentação com exposições e abertura de novas galerias denota, no mínimo, o sentimento de interesse pelas artes e, logicamente, a existência de alguma movimentação cultural ou da ocorrência de esforços para que ela exista. Efetivamente, o que se pode constatar é a existência de um comércio regular de obras de pequeno valor sem muita preocupação com a autoria das obras, geralmente destinadas ao promissor mercado de ambientação de interiores, e



um outro de obras de maior peso econômico que é movimentado por investidores, como alternativa de aplicação de capital em longo prazo. O que se precisa reforçar é a consolidação de um mercado mais regular, que leve em conta a qualidade das obras e dos artistas adquiridos, numa espécie de investimento no “mercado futuro” de arte, com aplicações em artistas que logo se tornarão, em decorrência direta dessas aplicações, nomes de peso. Para isso, sentimos falta de ações no mercado institucional, fator que deixa a desejar em nosso país. Ainda não temos uma efetiva participação no mercado de arte dos nossos governos, em todas as suas instâncias, e das grandes empresas, como é comum na Europa e nas vizinhas Argentina e Colômbia. Numa das últimas feiras de arte que tivemos a oportunidade de comparecer havia uma mostra da coleção de uma grande indústria de refrigerantes, e o maior comprador da feira foi o governo local. Isso, entendo eu, é uma questão de responsabilidade social e cultural.

O QUE SE PRECISA REFORÇAR É A CONSOLIDAÇÃO DE UM MERCADO MAIS REGULAR, QUE LEVE EM CONTA A QUALIDADE DAS OBRAS E DOS ARTISTAS ADQUIRIDOS, NUMA ESPÉCIE DE INVESTIMENTO NO “MERCADO FUTURO” DE ARTE, COM APLICAÇÕES EM ARTISTAS QUE LOGO SE TORNARÃO, EM DECORRÊNCIA DIRETA DESSAS APLICAÇÕES, NOMES DE PESO

Transplante capilar
em seu mais puro
estado de arte.



MÁRCIO CRISÓSTOMO
Instituto de Medicina do Cabelo
Hair Medicine Institute

  [crisostomohair](https://www.instagram.com/crisostomohair)



CÉLIO GURGEL

O AÇO, INSPIRAÇÃO PARA A ARTE

A vida é minha maior fonte de inspiração, a nossa história, o potencial criativo humano parece inesgotável e extraordinário". É assim que o fortalezense Célio Cirino Gurgel Júnior fala sobre seu processo de criação. Simpático, acessível e extremamente talentoso. É assim que definimos o artista plástico. Nascido na capital cearense, ele afirma que, desde pequeno, sempre foi muito inquieto e curioso. Desde cedo, Célio já tinha uma grande sede em explorar. "Costumava viajar para o interior do estado do Ceará com a minha família. Nessa época não existia internet e nem todo o aparato tecnológico de hoje. Dessa maneira, tínhamos que inventar nossas próprias brincadeiras e eu já gostava de construir maquetes", relembra. Sua proximidade com a arte começou quando ele ainda era menino, com cerca de oito anos de idade, na Fundação Cearense, metalúrgica de seu pai (o hábil e competente engenheiro industrial Célio Cirino Gurgel), local onde passava horas encantado pelas formas e traços geométricos que eram criados.

PENDULAR SEM TÍTULO 2015
AÇO CORTEN, MADEIRA EUCALIPTO
1,55 x 1,16 x 0,50 m





SUTRAS 2015
AÇO CORTEN,
PINTURA AUTOMOTIVA
0,22 x 0,26 x 0,60 m

Grande parceiro nas elaborações esculturais do surpreendente e eterno cearense Sérvulo Esmeraldo (na época em que o artista desenvolvia intensamente obras públicas em aço e em grandes dimensões), foi o pai de Célio que, mesmo de forma natural, despertou o interesse do então garoto pelo fascinante mundo artístico. Com Sérvulo, que se tornou um grande amigo da família, Célio desenvolveu uma relação de amizade e cumplicidade. “Quando era mais novo e levava algo para mostrar, ele era muito atencioso e paciente comigo. Questionava-me e me instigava a ter um olhar mais crítico e imaginativo sobre as coisas que eu queria criar. Ele foi uma permanente inspiração”, conta. Segundo ressalta, foi muito prazeroso crescer ouvindo suas histórias e admirando de perto sua arte, desde a ideia à total concepção. Foi também a proximidade com Sérvulo que fez surgir outra importante relação de amizade: a marchand e curadora de arte Dodora Guimarães, esposa de Sérvulo, tornou-se amiga e passou a orientar a carreira de Célio Gurgel. Após um tempo, e depois das tantas horas passadas na metalúrgica da família, surgiu no artista o

desejo de trabalhar com as formas geométricas. Em meados dos anos de 1990, ele decidiu que era hora de realizar estudos fora do país. Nos Estados Unidos, começou uma intensa temporada de aprendizados, tendo acesso às noções básicas de arte. De volta ao Brasil, retornou à metalúrgica e iniciou uma série de projetos, tendo o aço como principal matéria-prima. As experiências vividas na infância e os estudos realizados fora do Brasil deram a Célio Gurgel a certeza de que uma de suas grandes alegrias pessoais seria trabalhar com

arte. E, de início, veio a escultura. “Devido à influência que recebi das vivências na metalúrgica de meu pai, a escultura foi a primeira vertente artística utilizada por mim. Sempre tive uma paixão por formas geométricas e por toda a mecânica envolvida no processo”, ressalta. Sobre a formação em Arquitetura e Urbanismo, adquirida na Universidade de Fortaleza, Célio diz que a escolha pela graduação sempre esteve vinculada à questão da estética e que talvez por esse mesmo motivo tenha sido ainda mais impulsionado para o mundo artístico.



CÉLIO GURGEL NA METALÚRGICA, EM PRODUÇÃO PARA A EXPOSIÇÃO “ESCULTURAS E PINTURAS”, 2015

Atuou no desenvolvimento de projetos residenciais e comerciais exclusivos, trabalhando, ainda, no design de produtos, unindo aptidões artísticas e funcionalidade. Além da escultura, o desenho e a pintura foram ramos artísticos que sempre inspiraram Gurgel. Em 2009, ainda pintando e desenhando como hobby, expôs pela primeira vez na galeria Casa D'Arte, em Fortaleza. Pela qualidade e beleza dos trabalhos, todas as obras foram vendidas em pouquíssimo tempo. Em 2015, mais uma vez, Célio foi notícia com sua exposição individual "Esculturas e Pinturas", mostra na qual foram apresentadas 10 pinturas, além de 14 esculturas - cujas proporções variavam entre 50 centímetros e três metros - em aço, sólidas e vazadas, pendulares, cinéticas, eólicas e com entalhes fixos. As estruturas uniam sinergia da impulsão e equilíbrio, apresentando movimentos por correntes de ar, mecânica e cinetismo. Segundo assevera, suas criações não objetivam o resultado final, não buscam um sentido ou se pautam pela estética pura e simplesmente, uma vez que o cerne está no processo criativo. "Da concepção da ideia à confecção da obra não é uma estrada linear de começo e fim delimitados, mas um universo caótico de ideias em movimento constante. Muitas vezes, me sinto mais realizado durante o processo criativo do que quando vejo a obra pronta e instalada em algum lugar", afirma. Célio Gurgel é desses artistas que se inspiram pela vida e por tudo que o cerca. Por isso mesmo, seu bom e velho molesquine é companheiro inseparável. "Faço muitas anotações e, por vezes, paro para esboçar algo que vem à mente.

A ideia pode surgir em qualquer lugar ou hora", revela. Atualmente, Gurgel tem se dedicado às esculturas de grande porte e aos desafios que elas representam, já que são necessários muitos cálculos físicos e matemáticos para dar vida a essas obras. "Talento é imprescindível, mas a paixão é essencial. Não é um caminho fácil, o prazer e a satisfação devem estar no processo e não no resultado". É esse o seu conselho para aqueles que estão dando os primeiros passos na carreira artística.

**O CEARENSE SÉRVULO
ESMERALDO FOI UMA
GRANDE INSPIRAÇÃO
PARA O ARTISTA**



PENDULAR SEM TÍTULO 2015 AÇO CORTEN / 2,10 x 1,60 x 0,50 m

JUSTIÇA.
A ARTE do
EQUILÍBRIO e
da HARMONIA.

PAULO
QUEZADO
advocacia

ANA CRISTINA MENDES

ANA CRISTINA MENDES

EXPERIMENTAÇÃO POTENCIALIZADA
AO FAZER ARTÍSTICO

Quem um dia poderia imaginar que a menina tranquila e serena, que, segundo ela mesma conta: “gostava de ficar sozinha com meus ‘botões’ enquanto as crianças de minha idade gostavam de brincadeiras mais agitadas, como subir nos muros, brincar de bola e esconde-esconde”, cresceria e seria uma das **mais promissoras artistas cearenses**? Falar sobre a fortalezense Ana Cristina Mendes é falar sobre a arte em suas mais variadas formas e perspectivas. Desde pequena, Ana sempre foi muito inventiva. Da mãe, herdou a admiração pelos tecidos, e era com eles que criava muitas de suas brincadeiras. “Aos sábados, nosso parque de diversões não era um parque convencional, era, sim, um parque inventado, colorido e cheio de texturas.

**IMAGEM FEITA PELA ARTISTA BRASILEIRA ALINA D'ALVA, EM TUNIS, TUNÍSIA.
ELA FOI UM DOS ARTISTAS ANFITRIÕES DE OCEANO[IN]VESTIDO (2013)**

O VESTIDO VIAJOU ACOMPANHADO DE UM CADERNO VERMELHO, NO QUAL TODA A HISTÓRIA DE SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO, SOMADO ÀS EXPERIÊNCIAS DA VIAGEM, SERIA COMPLETADA PELOS ARTISTAS ANFITRIÕES



**IMAGEM FEITA
PELO ARTISTA
BRASILEIRO
LUCAS DUPIN,
EM OXFORD,
INGLATERRA.
ELE FOI UM
DOS ARTISTAS
ANFITRIÕES DE
OCEANO[IN]
VESTIDO (2013)**

Era a loja predileta de minha mãe, uma loja de tecidos”, recorda. E foi com essa paixão pelos tecidos que, aos 19 anos, ela iniciou os trabalhos como estilista, produzindo de forma absolutamente autoral. Apesar de bastante talentosa, Ana Cristina conta que o exercício criativo de elaborar roupas não a satisfazia completamente. Foi aí que decidiu procurar outras formas de contentamento pessoal. “Só me considerei a artista que sou quando comecei a compreender os sinais do meu corpo. Entendi que minha forma de criar vinha das sensações, dos indícios que o corpo nos provoca a reagir”. Foi nesse momento que outra forma de arte surgiu em sua vida: a dança, que continua presente ainda hoje. Graduada em Artes Visuais pelo IFCE, mestre em Artes pela UFC e aluna do doutorado em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra, Ana Cristina decidiu

que toda sua arte seria baseada na experimentação. Dessa forma, dedica-se a instalação, desenho, escultura, objetos, tecidos e vídeos. “Não sou uma artista multifacetada, sou uma artista que se permite várias linguagens, porque, ao final, a obra é uma só”, reforça. Ana Cristina procura fugir do lugar-comum, elaborando trabalhos que fazem com que o espectador saia da sua zona de conforto e entre em uma dimensão em que as diversas formas de pensar e de enxergar as coisas são essenciais. Para se ter noção de sua forma inovadora de criar, Ana Cristina utilizou elementos têxteis (sobreposição de tecidos azuis, linha elástica, costura) para criar um tecido de 20 metros de extensão, utilizando o mar como referência. Após finalizar a peça, a artista a levou até uma praia da capital cearense, com o intuito de carregá-la com seus resíduos naturais (sal e areia).

A partir dessa experiência, que mistura materialidade, mar e a própria artista como condutora, elaborou o vídeo *Mar-Tecido*, que participou da Exposição *Motel Coimbra*, na Galeria do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra; da Exposição *Terra em equilíbrio| Erde im Gleichgewicht*, na Alemanha, em Nuremberg e em Eschenau; e da Exposição *Explosão do Poema*, no Sesc Itacema, em Fortaleza, em 2015. “Essa minha afinidade com o mar é muito forte. O mar é um espaço que propõe viagem, escape, suspensão e deslocamento. Por outro lado, é lugar de tormenta. Sua travessia requer coragem e vontade de mundo. E, atualmente, nesse lugar venho habitando e construindo a tessitura de meu trabalho”, conta, que, temperado de mar, e, como ele, com movimentos de muitas inquietações já experienciadas em rios, mangue e por conseguinte, originou-se de *Oceano[in]vestido*.

O *vestido-mar-viajante*, abarcador de mundos. Um vestido azul esverdeado, uma cor inventada, costurada como uma forma de tecer um tipo de mapa, o das diferenças e das afinidades e colaborações artísticas. O tecido aglutinou um movimento epidérmico, mas também marítimo. Pintura e escultura também são vertentes artísticas usadas por Ana Cristina. Com a pintura *eu, de 2005* (gouache s/ papel - 215 x 120 cm), recebeu menção honrosa na XIII edição da *Unifor Plástica*. Sobre o trabalho, afirma: “Nessa pintura, me desprendi da estética acostumada da moda e me lancei à escuta dos incômodos da criação. Essa experiência se configurou na pintura, no entanto, a ação no fazer artístico envolveu todo o corpo. Tive o meu primeiro chamado da performance. Digamos que essa foi uma *pintura-performance*”. *Espasmos*, série de esculturas feitas de ferro e recobertas com tiras de



FOTOGRAFIA DE HEL RABELO



VIDEOPERFORMANCE ENQUANTO POR ALI DISCORRIA, 2009 FOTOGRAFIA DE MARCUS RUDOLF



INSTALAÇÃO VISLUMBRE, DA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DO MESMO NOME, EM 2008, NA UNIFOR

FOTOGRAFIA DE EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

tecidos elásticos, foi elaborado em 2008, sendo bastante elogiado pela crítica. “A passagem do desenho para a escultura veio para representar o corpo, a contenção e a tridimensionalidade. O que pode um corpo, apesar de todas as suas limitações? Desse caminho advém o universo dos materiais e técnicas que escolho: ferro, tecidos, contenções, representações e imagens”, diz a artista. Em março deste ano, a exposição Caligrama (com desenhos, fotografias, vídeos e pinturas), na Galeria Contemporarte, foi destaque no circuito artístico cearense, com trabalhos das artistas Ana Cristina, Luiza Simons, Tete Alencar e Tereza Dequinta. Na mostra, Ana apresentou duas pinturas (acrílica sobre tela - 140 x 140 cm) e o vídeo Mar-Tecido,

videoperformance da experiência que as originou. Ainda no início do ano, Ana Cristina realizou, no Centro Cultural Banco do Nordeste, a exposição individual *E se...*, que conta com a instalação Sertão de Fora, que propõe uma nova forma de materializar a interação entre o sertão e o litoral. “Nos dois trabalhos levo o mar, a possibilidade de diálogo e de conexão com o mundo, com a história da arte, com a pintura, com o que é fluido e indeterminado”, reforça a artista. Em setembro, participou de duas exposições na Alemanha: a exposição Cadernos, em Munique, e a exposição Territórios, em Nuremberg. Na primeira, apresentou os registros do processo de construção da instalação Sertão de Fora (seu mais recente trabalho, em que utiliza um tecido translúcido

de 90 metros quadrados formado por três camadas de cores contrastantes, da luz intensa e do chão do sertão, como forma de propor uma nova maneira de relacionar sertão e litoral), enquanto na segunda mostrou a própria instalação. Quando questionada sobre qual conselho daria aos novos artistas, é poética na resposta: “Siga seu desejo e exercite a sua coragem. A arte é um caminho para a vida. Mergulhe! é algo que nos toma por inteiro, escute os sinais. A arte sai de nós e deixa de ser nossa, ganha o mundo. É do mundo. É universal”. Ana Cristina Mendes é dessas personalidades que valem a pena conhecer. Entusiasta, determinada e extremamente doce, é desses artistas que trabalham com o coração e a alma. Eis a razão do sucesso e do reconhecimento.

Galeria Emiliano

Pinturas e Gravuras



Aldemir Martins



Vicente Leite



Inimá de Paula

Shopping RioMar Fortaleza | 2º Piso
(85) 99114.4114

MUSEU DA FOTOGRAFIA

Marcus Novais Arquitetura



O desafio de projetar um novo abrigo para um dos maiores e mais importantes acervos de fotografia da América Latina foi assumido com grande responsabilidade e maestria pelos arquitetos Marcus e Lucas Novais, pai e filho que comandam o escritório Marcus Novais Arquitetura. Como resultado, Fortaleza foi presenteada com um belo exemplar de arquitetura contemporânea. Um projeto que expressa atemporalidade, através do precioso equilíbrio de suas formas e escolha dos materiais, conferindo-lhe uma identidade marcante e única.



FOTO: IGOR RIBEIRO

O edifício possui o total de cinco pavimentos. Já no acesso principal, há uma escada generosa que marca o eixo de entrada do Museu. Associada a ela, existe a rampa tratada de uma maneira escultural na composição de fachada e destacada por um largo recuado que funciona como uma pequena praça, a qual abriga a carnaúba, árvore típica do semiárido nordestino e que traz o elemento regional para a volumetria sóbria do edifício. O pavimento térreo contempla o Lobby, uma área híbrida que abriga café, biblioteca, loja, banheiros sociais e a área de exposição temporária. A exposição permanente ocupa o primeiro e segundo pavimentos, idênticos em planta, completamente sóbrios nas áreas expositivas, mas exibem um agradável jardim vertical na área da passarela, que representa

uma transição, quase como um descanso visual, entre fragmentos das mostras. Existe ainda, no terceiro pavimento, um terraço parcialmente coberto, que tem vista para a cidade, e uma sala multiúso, ambos para eventos, oficinas e palestras. No subsolo, foi resolvida toda a parte administrativa e de apoio, incluindo uma reserva técnica para o acervo. Algumas medidas foram tomadas para que houvesse um controle da luz natural no edifício, um cuidado importante para a conservação das obras e a qualidade do espaço museográfico. As aberturas antigas, em sua maioria, foram vedadas, porém, um átrio central foi mantido e ganhou passarelas, acrescentando interação visual e possibilitando um trajeto em circuito nos pavimentos, outrora confinados e lineares. O forro foi completamente removido para



FOTO: IGOR RIBEIRO

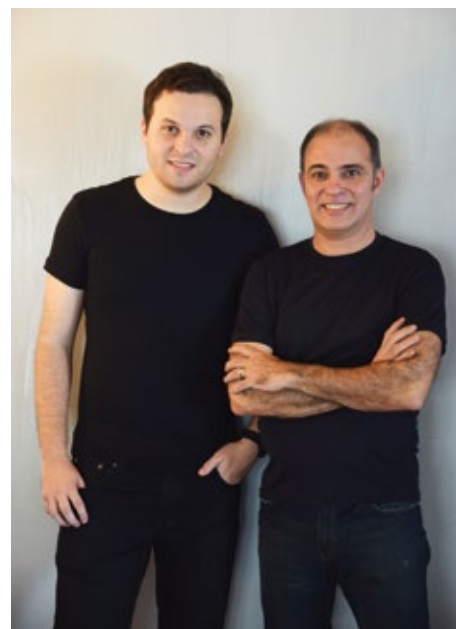


FOTO: IGOR RIBEIRO



FOTO: IGOR RIBEIRO

aumentar o pé-direito, e uma rede desordenada de vigas existentes foi conciliada com calhas aparentes que acomodam todas as disciplinas de instalações do museu: iluminação, climatização e instalações foram resolvidas neste espaço. O conceito do projeto foi a valorização desse volume em balanço como principal elemento da fachada, revestindo-o com uma estrutura metálica solta da alvenaria externa e chapas de ACM perfuradas, as quais, além de proteger da forte incidência solar própria de Fortaleza, configuram, através da sua variação de tamanho puro, gerando uma espécie de mosaico. Como arremate, as marquises foram acrescentadas, uma menor sombreando o acesso principal, proporcionando a utilização de uma pele de vidro que faz um contraponto à opacidade de outros materiais, e uma maior, em “L”, pousada suavemente sobre a coberta do edifício, gerando a proporção ideal para o conjunto de elementos dessa fachada.



MARCUS E LUCAS NOVAIS

MIQUEL BARCELÓ

Max Perlingeiro

Do pintor de obras monumentais destacam-se duas, como a instalação executada durante um período de seis anos (2000-2006), na Capela do Santíssimo na Catedral de Santa Maria, arquitetura do século XVI, em Palma de Maiorca, na Espanha. A capela foi revestida com imensos painéis contínuos de cerâmica policromada (300 m²) e cinco novos vitrais de 12 m de altura.

A outra obra, a aclamada pintura da cúpula da Câmara dos Direitos Humanos e Aliança das Civilizações, Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, na Suíça, com aproximadamente 430 m², na qual imprimiu o fundo do mar, usando 60 toneladas de tinta, em um trabalho que durou 13 meses. Foi uma doação do governo espanhol para a ONU, em 2007. Com capacidade de trabalho surpreendente, e atuando em múltiplos suportes – pintura, escultura, murais, cerâmica, desenho, ilustração de livros –, atualmente Barceló divide seu tempo entre ateliês em Paris, Maiorca (de cerâmicas), e Mali, na África. Foi o artista mais jovem a se apresentar no Museu do Louvre e esteve presente na Bienal de Veneza, na Bienal de São Paulo, e na Documenta de Kassel. Realizou retrospectivas em instituições como o Centro Pompidou, em Paris; o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madri; o Museu Rufino Tamayo, no México; e o Museu Guggenheim Bilbao, na Espanha. Em 2016, apresentou no Museu Picasso, em Paris, a sua maior exposição de pinturas, cerâmicas e esculturas. Em 2017, Barceló, convidado para criar o símbolo dos 800 anos da Universidade de Salamanca, realiza exposição múltipla de 80 obras distribuídas por cinco locais de Salamanca, sua primeira grande mostra espanhola desde 2010, em Madrid. No Brasil, expôs no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 2000, e na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, em 2003; ambas, itinerâncias de mostras vindas de outros países, com o apoio do governo da Espanha. Em 2014, expõe através da Pinakothek e Multiarte no Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza, presente em todas as mostras. Entre as obras apresentadas nas exposições brasileiras estavam as pinturas da série branca. Quadros brancos, feitos somente com esta cor, mas com texturas diferentes, que formam diversos desenhos. “Como se pode ver, cada nova camada



PINAKOTHEKE RIO DE JANEIRO

apaga, mas também deixa uma transparência. Estes quadros são cada vez mais sintéticos, cada vez há menos coisas, e estão mais apagados. Há muitas camadas de pintura, tornando-se espesso no centro, tudo acontece por baixo, é quase invisível”, conta o artista, em entrevista a Adriano Pedrosa. O crítico de arte espanhol Enrique Juncosa afirma, no livro editado pela Pinakothek por ocasião das exposições, que o branco sempre esteve presente no trabalho de Barceló. Sobre a origem dos quadros totalmente brancos, ele diz: “No Pavilhão Espanhol da Bienal de Veneza de 2009, Barceló apresentou, entre outros, dois quadros brancos de grande formato, Mare tranquilas e Mare nectaris datadas (2008), de novo sobre o ritmo e a forma das ondas admiradas de uma praia. O tema das ondas e da espuma do mar, iniciado nas Canárias, e depois, com esses dois grandes quadros exibidos em Veneza, é o ponto de partida dos últimos quadros brancos que Barceló pintou desde 2012, tal como os apresentados aqui”. A exposição incluiu também alguns quadros com frutas e tomates partidos, que contrastam com os quadros brancos por sua intensidade cromática, a maioria, na cor vermelha. Em um desses, o intitulado Tomate-Mars (2013), “um jogo com o nome do planeta vermelho, Marte, a metade do tomate tem algo de planeta habitável, com um interior que sugere movimento perpétuo, como uma caldeira em ebulição”, ressalta Juncosa na publicação da Pinakothek. As cerâmicas foram outro destaque da trajetória do artista. Se a experiência com a pintura está presente desde o início de sua obra, o interesse pela terracota começa em Mali, em 1995; desde então, dedicou-se a aprender técnicas em Maiorca,

França e Itália, tornando-se um dos suportes fundamentais de sua produção. Para a exposição, foram selecionadas cerâmicas no seu ateliê e no pequeno vilarejo Vilafranca de Bonany, em Maiorca, instalado numa antiga fábrica. O artista trabalha com a imperfeição da matéria. É um trabalho solitário e bruto onde ele não admite colaboração. São obras autorais. Uma luta incessante entre o homem e a matéria. O artista explora ao máximo o imprevisível e depois recobre com desenhos ou fuligem do resíduo das chaminés,

onde um novo processo se inicia. Sobre estas, Enrique Juncosa escreve: “As cerâmicas mais inovadoras que apresentamos aqui são pretas. Foram produzidas a partir de uma forma inventada pelo artista. Uma vez cozidas, foram colocadas nas chaminés do forno e ficaram cobertas da fuligem proveniente da fumaça. Depois, fixou a fuligem com um fixador transparente, mas o aspecto continua sendo frágil, como se fosse desprender se alguém as sustentasse com a mão ou tentasse limpá-las com um pano”.

FOTO: FALCÃO JR.



EXPOSIÇÃO MIQUEL BARCELÓ GALERIA MULTIARTE / FORTALEZA-CE / 2014

FOTO: FALCÃO JR.



MIQUEL BARCELÓ, DISGRESSION VIDE 2013



**MÁRCIO
CRISÓSTOMO**
CIRURGIÃO PLÁSTICO

**OBSERVAR O
BELO CRIADO
COM LIBERDADE,
PORTANTO,
NOS COMPLETA
NESTE SENTIDO
DE ALCANÇAR
NO OUTRO A
CURA UTÓPICA
DAS NOSSAS
IMPERFEIÇÕES**

DISSEMINAR O BELO

Fiquei bastante intrigado com o convite para escrever este editorial. Eu, médico, escrevendo um editorial sobre arte, em uma revista chamada Arte, e com grandes artistas à disposição para opinar com infinita propriedade. Quase uma heresia. Então, por quê?

Na verdade, envolver toda a sociedade em uma iniciativa como esta, ímpar na nossa cidade, no nosso Estado, é um estímulo para a disseminação do belo e para a valorização dos nossos artistas, em um tempo de valores tão efêmeros.

Escrevo estas palavras a caminho de um congresso médico em Praga e, passando por algumas cidades antes do meu destino final, observo o estímulo dado às crianças para a apreciação do belo: exposições ao ar livre com várias atividades, arte de rua e na rua, grandes exposições, muitas, gratuitas. Democrático.

Penso em nossa Fortaleza. Como exemplo, lembro do livro “A Arte Pública de Fortaleza” (Tania Vasconcelos, 2003), que representa mais de 100 esculturas ao ar livre na nossa bela capital. Algumas são símbolo da cidade, porém, logo me vem à memória a escultura representando um coração, do grande Sérvulo Esmeraldo, na Praça Régis Jucá, homenageando o cirurgião, que foi pioneiro na cirurgia cardíaca no Ceará. Penso no seu estado de abandono e em como ainda precisamos evoluir...

Porém, ao mesmo tempo me recordo da belíssima exposição de parte da coleção do chanceler Ayrton Queiroz, que permaneceu meses aberta à visitação pública, gratuitamente, e sinto um grande conforto e esperança.

Procurei ter alguns (poucos) exemplares de representantes da nossa arte. Sérvulo, Aldemir, Cela, Vando, Guedes, Siegbert, Mano, Rabelo, Bandeira, Ryan, Isaac, entre tantos outros. Gosto do belo e me faz sentir bem. Inspira na criação e nas formas imperfeitas que desenhamos com a limitação das técnicas cirúrgicas. Talvez observe, como dizia o mestre Pitanguy, a liberdade do artista com seus pincéis, sua tinta, suas palavras, sem as limitações anatômicas que possuímos.

Observar o belo criado com liberdade, portanto, nos completa nesse sentido de alcançar no outro a cura utópica das nossas imperfeições.

Márcio Crisóstomo

Fashion Gourmet.
Serviços de catering e de encomenda
inspirados no seu bom gosto.



Agora, você pode ter toda a sofisticação e exclusividade do menu assinado pela **chef Camila Câmara** em qualquer lugar da cidade, inclusive na sua casa. Solicite um orçamento e prepare-se para receber muitos elogios.



— ESPAÇO —
**FASHION
 GOURMET**

 Chef: Camila Câmara

— ESPAÇO —
**FASHION
 GOURMET**





GALERIA MONDRIAN



Antonio Bandeira - OST - 55x46 cm
Cedido direito de imagem pelo instituto Antonio Bandeira

www.galeriamondrian.com.br
Rua Frederico Borges, 871

 @galeriamondrian  /galeriamondrian

(85) 3025.7243 | (85) 99114.4114